

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LUIZA DUTRA DA ROSA

**EU, MULHER, NEGRA, JOVEM E UNIVERSITÁRIA: DISCRIMINAÇÃO RACIAL
NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

BAGÉ

2017

LUIZA DUTRA DA ROSA

**EU, MULHER, NEGRA, JOVEM E UNIVERSITÁRIA: DISCRIMINAÇÃO RACIAL
NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

Trabalho e Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Línguas Adicionais: Inglês e Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras Línguas Adicionais.

Orientadora: Profa. Dra. Valesca Brasil Irala

BAGÉ

2017

Dedicatória:

Esse trabalho é dedicado a todas alunas negras e a todos alunos negros que não puderam concluir seus estudos por conta da sociedade em que vivemos. Esse trabalho é para todas as alunas negras e alunos negros que estiveram em uma sala de aula, mas não chegaram a concluir o ensino fundamental, ou o ensino médio, ou chegaram a ingressar em uma universidade, mas com a pressão da sociedade para que ocorra a desistência foi maior. Este trabalho é dedicado também a todas alunas negras e a todos os alunos negros que concluíram seus estudos, seja no ensino fundamental, médio ou superior. E a ti pai, que sei que não conseguiste cursar a tão sonhada faculdade porque era coisa de branco.

Agradecimentos:

À minha mãe Tânia e a minha irmã Mariana que são a minha família e sem o apoio delas seria muito difícil.

A amizade da Bárbara Machado que construí na época do ensino médio e que também me acompanhou durante a vida acadêmica.

As amigadas construídas ao longo da caminhada e em especial a Kamilla, Eliana, Vaniza, Maria Augusta e Andrômeda.

A Prof^a. Dra. Valesca Brasil Irala pelo apoio e orientação.

As minhas amigas e amigos de fora da universidade que nunca deixaram de me apoiar e incentivar a minha jornada.

As aulas de literatura que tive ao longo do curso.

E agradeço a todos que me ajudaram em minha caminhada acadêmica de maneira direta ou indireta.

*“A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.”*

*(trecho de Vozes –
Mulheres de Conceição Evaristo, 1990)*

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise feita a partir de vivências de estudantes universitários negros, em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. Os estudantes que participaram da pesquisa fazem parte de um movimento negro criado recentemente na cidade. Assim, busca investigar se existe discriminação racial no ensino superior. O grupo caracteriza-se por ser formado por jovens estudantes universitários negros e universitárias negras. Os participantes que auxiliaram a pesquisa deram seu depoimento através de uma pesquisa em grupo focal, e com isso os depoimentos, foram analisados e ajudaram a responder a questão de pesquisa e a retomar os objetivos descritos no trabalho. E, por fim, os resultados da pesquisa afirmaram que a discriminação racial ainda é muito presente no ambiente universitário.

Palavras-chave: discriminação racial; ensino superior; estudantes negros.

RESUMEN

El presente trabajo presenta un análisis hecho a partir de vivencias de estudiantes universitarios negros, en una ciudad del interior del estado de Rio Grande do Sul. Los estudiantes que participaron en la investigación forman parte de un movimiento negro creado recientemente en la ciudad. Así, busca investigar si existe discriminación racial en la enseñanza superior. El grupo se caracteriza por ser formado por jóvenes estudiantes universitarios negros y universitarias negras. Los participantes que ayudaron en la investigación dieron su testimonio a través de una investigación en grupo focal, y con eso los testimonios, fueron analizados y eso ayudó a contestar a la cuestión investigación del estudio y reanudar los objetivos descritos en el trabajo. Y, por fin, los resultados de la investigación afirmaron que la discriminación racial sigue siendo muy presente en el ambiente universitario.

Palabras- clave: discriminación racial; enseñanza superior; estudiantes negros.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	1
1.1. QUESTÃO DE PESQUISA	3
1.2. OBJETIVO	3
1.2.1. OBJETIVO GERAL.....	3
1.2.2. OBJETIVO ESPECÍFICOS	3
1.3. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	3
2. REVISÃO DA LITERATURA	5
2.1. DISCRIMINAÇÃO RACIAL, PRECONCEITO RACIAL OU RACISMO?	5
2.2. UM POUCO SOBRE AS LEIS	7
2.3. AS TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES NEGROS	11
2.4. DISCRIMINAÇÃO RACIAL E POR GÊNERO	15
2.5. O CONCEITO DE NEGRITUDE	17
3. QUESTÕES METODOLÓGICAS	19
4. ANÁLISES E DISCUSSÕES	21
4.1. Racismo na universidade.....	21
4.2. Movimento negro.....	25
4.3. Mulher negra.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
6. REFERENCIAS	31
7. APÊNDICES	36
8. ANEXOS	49

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem o intuito de apresentar os desafios de alunos negros e alunas negras no contexto universitário e debater sobre a discriminação racial. Baseado nesta perspectiva, buscar-se-á analisar, a partir do depoimento de estudantes do ensino superior, o contexto e os desafios enfrentados pelos alunos negros e alunas negras ao lidar com a discriminação racial no seu dia a dia como universitários.

O tema sempre chamou minha atenção, mas sua eleição só ficou nítida após a leitura de um livro para uma disciplina de literatura cursada durante a graduação. O livro e seu contexto me motivaram a seguir debatendo o assunto e fez com que as pesquisas informais, apenas para conhecimento maior sobre o tema se ampliassem e se mostrassem cada vez mais presentes em minha vida, não só na minha função como aluna e negra, mas também estava percebendo pequenas atitudes quando desempenhava meu papel como estagiária e negra em um contexto de escola pública. Quando estava inserida em uma sala de aula, sempre busquei observar o grupo todo, os alunos, os professores e os funcionários da escola na qual desempenhei meu papel como estagiária e, a partir desta observação, comecei a observar melhor o contexto em que eu estava inserida como aluna, e notei que muitas situações na universidade não ocorrem de maneira diferente da escola, e isso me motivou muito mais querer escrever esse trabalho.

Na universidade, muitas vezes prega-se um discurso ilusório sobre diversos temas de nossa sociedade. É ilusório pois boa parte desses discursos de uma sociedade mais justa ou que observe e compreenda a diferença entre cada ser humano, permanecem apenas na teoria, enquanto em sua prática o machismo, a homofobia, o olhar que discrimina deficientes e promove a discriminação racial ainda ocorre nos corredores em que caminhamos diariamente.

O Brasil é considerado por muitas pessoas um país livre de preconceito racial, por conter diversas etnias que compõem toda a extensão de seu território. Essa interpretação de não haver preconceito no país ou que as pessoas não são preconceituosas é preocupante, pois diversas vezes casos de discriminação racial acabam passando despercebidos ou silenciados por um sistema que se posiciona

como igualitário para todos. Conforme o Art. 2º da Lei Nº 12.288, que institui o Estatuto da Igualdade Racial (Brasil, 2010):

É dever do Estado e da sociedade garantir a igualdade de oportunidades, reconhecendo a todo cidadão brasileiro, independentemente da etnia ou da cor da pele, o direito à participação na comunidade, especialmente nas atividades políticas, econômicas, empresariais, educacionais, culturais e esportivas, defendendo sua dignidade e seus valores religiosos e culturais.

Com isso, as pessoas negras devem ser inseridas na sociedade de modo que elas não sejam apenas mão de obra, e sim participantes ativas de todos os espaços. Mas, quando paramos para refletir, sobre quantos colegas negros e negras tivemos ao longo de nossa vida escolar, e se tivemos, lembramos de dois ou três colegas nas séries iniciais até o final do ensino fundamental. E, com o avanço dos anos, um ou dois colegas que ingressam no ensino médio mas desistem no meio do caminho por diversos motivos. Quando ingressamos na universidade, não é diferente da época de escola. Eu, como aluna, vi e presenciei várias situações ao longo da minha caminhada como discente, não só na universidade, mas no caminho que trilhei nas escolas nas quais estudei. A partir de minha experiência, começo a me questionar onde começa a discriminação racial na universidade? Começa quando os textos de autores e autoras negro(a)s não são contemplados, começa pelo ingresso dos estudantes? Seja esse ingresso por cotas ou não, ou por parecer que você não faz parte desse ambiente por não ver representatividade em nenhum local?

São pequenas percepções que me remeteram a querer falar, debater e escrever sobre discriminação racial no contexto acadêmico, isso não é apenas um sentimento particular que deve ser mantido em silêncio em minhas pesquisas, é um sentimento que deve ser exposto para que outras pessoas também se sintam representadas, é algo que vai além da minha experiência, é algo muito maior, pois cada indivíduo vivencia experiências de maneira diferente.

1.1. QUESTÃO DE PESQUISA:

Quais os desafios e os avanços do debate da discriminação racial na sala de aula a partir das experiências de alunos negros e alunas negras?

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. OBJETIVO GERAL

Debater criticamente quais são os desafios que enfrentam os estudantes negros universitários em relação à questão discriminação racial.

1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar dentro da rotina acadêmica, os desafios que enfrentam alunos negros e alunas negras, a partir da coleta de dados qualitativos;
- Analisar a discriminação racial e a discriminação que ocorre por gênero entre alunas negras e alunos negros no ambiente acadêmico;
- Provocar um olhar crítico sobre as questões raciais no ambiente acadêmico em geral, não apenas dentro da sala de aula, mas com professores, alunos, funcionários e todos envolvidos no meio acadêmico;

1.3. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Para melhor situar o leitor, o presente trabalho organiza-se a partir dos seguintes itens:

- Considerações iniciais: Este item versa dar uma visão geral sobre o tema do trabalho, a questão de pesquisa e os objetivos (geral e específicos) que a autora se propõe a analisar;
- Fundamentação teórica: este item aborda uma discussão acerca das teorias que pleiteiam o desenvolvimento da pesquisa;

- Questões metodológicas: este item discorre sobre o contexto da pesquisa, bem como os instrumentos utilizados para desenvolvê-la;
- Análises e discussões: este item apresenta a análise dos dados da pesquisa, seguido da reflexão sobre os mesmos;
- Considerações finais: este item retoma a questão de pesquisa, bem como os objetivos do trabalho, finalizando com possíveis resoluções para tais questões apresentadas;
- Referências Bibliográficas: este item apresenta de forma ordenada todas as bibliografias que serviram de suporte para o desenvolvimento da pesquisa;
- Apêndices: este item apresenta materiais que foram analisados no corpo do trabalho;
- Anexos: este item apresenta o termo de consentimento esclarecido, assinado pelos participantes do grupo focal, com vistas a possibilitar o pleno desenvolvimento da pesquisa.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. DISCRIMINAÇÃO RACIAL, PRECONCEITO RACIAL OU RACISMO?

“[...] Sério és, tema da faculdade em que não pode pôr os pés [...]”

(Boa esperança – Emicida)

Diversas vezes vistas como sinônimos, essas três expressões possuem cada uma delas o seu próprio significado. Por serem acompanhadas da raiz RACI, acabamos classificando-as da mesma forma.

Segundo o dicionário online Aurélio¹, discriminação é o tratamento desigual ou injusto dado a uma pessoa ou grupo, com base em preconceitos de alguma ordem, notadamente sexual, religioso, étnico, etc. A palavra preconceito é descrita da seguinte maneira, ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial. Já o racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre os outros, preconizando, particularmente, a separação destes dentro de um país (segregação racial) ou mesmo visando o extermínio de uma minoria (...).

Logo, discriminação racial “corresponde ao ato de apartar, separar, segregar pessoas consideradas racialmente diferentes, partindo do princípio de que existem raças "superiores" e "inferiores", o que a ciência já comprovou que não existe ²”. A página no blog Africana Barão ainda nos traz a seguinte definição entre preconceito racial e discriminação racial:

De acordo com essas definições, o preconceito se expressa na sociedade, mas não necessariamente segrega ou discrimina; já a discriminação promove, baseada em certos preconceitos, a separação de grupos ou pessoas. Por outro lado, o racismo mata, produz o ódio entre grupos e indivíduos.

Com isso, podemos entender melhor o que cada palavra significa, e não usar elas como sinônimo uma da outra. A autora do trabalho utilizará o termo

¹ Dicionário Aurélio online. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/> Acesso em: 10 nov. 2017

² Descrições retiradas do blog Africana Barão. Disponível em: <http://africanabarao.blogspot.com.br/2009/10/preconceito-discriminacao-racismo-voce.html> Acesso em 10 nov. 2017

discriminação racial, pois seu trabalho trata especificamente do contexto universitário, onde por muitos anos é considerado o local dos saberes, e por essa razão separa e exclui os estudantes negros que lá estudam.

2.2. UM POUCO SOBRE AS LEIS

Quando se fala sobre discriminação racial, é impossível não falar sobre a época da escravidão no país. A escravidão no Brasil foi tão forte que até hoje ela tem marcas visíveis na sociedade. O Brasil possui um histórico nada satisfatório com a população negra, desde sua época como colônia de Portugal até os dias de hoje. O país manteve a escravidão até depois de ter a sua independência de Portugal, pois tinha um enorme interesse na mão de obra escrava, tanto interesse que a Lei Áurea foi assinada apenas em 13 de maio de 1888, não se sabe ao certo quantos anos de exploração foram, mas sabemos que foram muitos.

Por todo esse período de grande exploração da população negra, os donos de escravos, senhores de engenho e todos os que pensavam ser superior pelo tom de pele, acreditavam que os escravizados, seus descendentes ou simplesmente quem tinha a pele negra era considerado um ser inferior. E toda essa história de inferioridade, não era apenas um ato para dividir a elite de seus trabalhadores e sim uma teoria. Os cientistas brasileiros acreditavam que a mistura das raças era algo negativo. Segundo Schwarcs (2007), a ponta de lança científica brasileira e a internacional diziam que a mistura de raças era prejudicial e que um país formado por raças muito diferentes estava fadado à decadência. Muitas eram as crenças de que tudo que vinha dos negros era algo inferior, apenas sua mão de obra era aproveitável, já que eles haviam sido designados apenas para o trabalho, e a sua mistura com os brancos, era inaceitável já que a sociedade brasileira se considerava caucasiana.

No Brasil, existem leis que proíbem qualquer tipo preconceito por raça e cor da pele. A primeira lei sobre discriminação racial foi a Lei Nº 1.390 de 3 de janeiro de 1951, elaborada por Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990), que foi promulgada em 3 julho de 1951 pelo presidente da época Getúlio Vargas, e vigorou até 1989 substituída pela Lei Nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989. A Lei de 1951 era conhecida pelo nome de seu criador, Afonso Arinos e foi o primeiro código brasileiro que inclui contravenções penais sobre práticas de discriminação. Mas muitas são as especulações sobre essa primeira lei. Existem vários estudos que discutem sobre o porquê de sua criação, se ela realmente funcionava ou era apenas para acalmar uma parcela da sociedade. Essa lei é até hoje alvo de discussão, pois mesmo tendo

estando em vigor ela não punia de fato atos contra pessoas negras, apenas amenizava os ataques contra a população negra. Segundo Grin e Maio:

[...] é uma iniciativa de criminalização do preconceito racial, mas que não incide, contudo, sobre a estrutura social marcada pela desigualdade na qual se encontram os negros no Brasil. Para o Movimento Negro, em particular, o impacto da lei é limitado. (GRIN; MAIO. 2013, p. 37)

A segunda lei, que entrou em vigor em 1989, assinalava a nova fase em que o país estava vivendo, a primeira lei foi revista e modificada, deixando mais evidente quais os tipos de preconceitos deveriam ser punidos. A Lei de Nº 7.716, assinada por José Sarney, presidente da república, mostrava-se mais severa com relação aos crimes raciais. A terceira lei não modificou a segunda, mas alterou muitos artigos que compunham a segunda lei. A Lei de Nº 9.459 de 13 de maio de 1997, assinada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, deixou mais explícitos quais são crimes que devem ser punidos. Segundo a lei, “serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou precedência nacional” (artigo 1º da Lei de Nº 9.459, que altera o arts. da Lei Nº 7.716). Muitos coletivos negros não se calam após ver que as leis não eram feitas de fato para a população negra. Rocha (2015) relata que os grupos sociais dominantes procuram fazer com que suas visões de mundo particulares se apresentem como representação geral, por isso, essas leis estão sendo modificadas até os dias de hoje, para que possam contemplar de fato a população negra do país.

Em um país onde o seu racismo está muito marcado e presente em todos os âmbitos, inclusive no âmbito educacional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) é a responsável por garantir o direito à educação. Ela determina as responsabilidades que o Estado tem com a educação, e muito já foi alterado na LDB, até chegar no formato que está hoje. Dias (2005, p. 53) diz que educadores reconhecem a dimensão racial, e ainda complementa, mas não daram a ela centralidade necessária ao meu ver se deve à maneira como o Brasil construiu sua identidade.

Quando ocorreu o centenário da abolição da escravidão em 1988, a população negra viveu um momento muito intenso, pois a sociedade começou a olhar para o povo negro. Além de eventos a níveis nacionais para marcar a data, muitas pesquisas foram feitas para saber a situação do povo negro após 100 anos

de libertação. E um dos campos que recebeu destaque foi a educação. Segundo Dias:

A busca pela questão de raça nas leis educacionais foi uma tentativa de demonstrar que elas refletem a tensão presente na sociedade. De um lado políticas que pretendem a permanência do racismo estrutural revelado ora pela invisibilidade da raça, ora pelo mito da democracia. De outro lado a luta pelo rompimento desses mecanismos. (DIAS, 2005, p.59)

Desse modo, a Lei 10.639, assinada em 2003 pelo presidente Lula modificou a LDB para contemplar a história afro-brasileira nas escolas, mas Dias (2005, p.60) completa que, para resolver essas questões é preciso dar dois passos sempre. O primeiro é a lei, o segundo é o estabelecimento de políticas públicas que as efetivem.

Considerando que a nossa sociedade ainda está em um processo de transformação em relação à discriminação racial quando, as próprias instâncias governamentais se preocupam atualmente em trabalhar no interior dos currículos, temas voltados para a superação da discriminação e da exclusão social étnico-raciais (Silva 2002). Para guiar os professores, o governo cria o chamado PCNs que são os Parâmetros Curriculares Nacionais, que funcionam como se fosse uma balança, para ter consciência do que é de fato importante e deve ser levado em consideração na hora da elaboração do material didático que será distribuído nas escolas. Silva Junior diz:

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), criados pelo MEC em 1998, apesar do seu caráter de “parâmetro” e não-obrigatoriedade, é complementar às orientações curriculares e à LDB/96, quando propõem a abordagem da “Pluralidade Cultural” como um tema transversal, com os objetivos, entre outros, de possibilitar o conhecimento do patrimônio étnico-cultural brasileiro; reconhecer as qualidades da própria cultura, valorizando-a criticamente e enriquecendo a vivência da cidadania; repudiar e denunciar toda e qualquer forma de discriminação baseada em diferenças de raça, etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais. (SILVA, 2002, p. 32)

Podemos sentir o quanto inovador é essa proposta, mas com nossa realidade escolar um tanto instável, os PCNs de certa forma não são eficazes naquilo que apresenta. Silva (2002, p. 32-33) rebate que o conceito de diversidade, multiculturalismo e diferença devem estar articulados com o conceito de desigualdade social, rompendo com o silêncio e a indiferença às diversidades presentes no caminho escolar. Infelizmente, só a expectativa para colocar em

prática os PCNs não foi suficiente, sem ter um aprofundamento nas questões que eles abordam. Para Munanga,

A saída, no meu entender, não está na erradicação da raça e dos processos de construção da identidade racial, mas sim numa educação e numa socialização que enfatizem a coexistência ou a convivência igualitária das diferenças e das identidades particulares. (MUNANGA, 2015, p.25)

Não basta apenas colocar obrigatoriedade nos currículos escolares, mas sim devemos mostrar e fazer entender o porquê da importância de contemplar uma educação livre de preconceitos desde seu princípio, para que quando a lei chegar até a sala de aula, os alunos e professores compreendam a individualidade de cada indivíduo. Na maioria das vezes, não conseguimos construir o elo entre o que aprendemos na escola, e o que deveríamos usar em nosso meio social.

Geralmente o livro didático reproduz muitos padrões da sociedade, um desses padrões é a forma de como trabalhar a discriminação racial em sala de aula. Muitos livros didáticos de história reproduzem o padrão pré-imposto à população negra. Roza diz que:

Embora a produção historiográfica até os anos 1990, de forma geral, não tenha considerado o protagonismo negro como questão central de análise, um aspecto relevante dessa produção é a visibilidade dada ao racismo como prática de grande ressonância social, direcionada para marginalização dos afrodescendentes no pós-abolição. Ao colocar em evidência práticas racistas, de natureza simbólica e material, a escrita da história, realizada no referido momento, encapsulou os afro-brasileiros na marginalidade e na exclusão. (ROZA, 2017, p. 18)

Essa maneira de tratar o negro sempre da mesma forma o colocou em um lugar de exclusão por ter sempre características negativas evidentes nas narrativas dos livros didáticos. A partir dessas narrativas, é abordado em sala de aula a discriminação racial. Como conseguir debater em sala de aula, onde existem alunos negros, se o livro já começa impondo pré-conceitos e fazendo uma generalização em cima da população negra?

2.3. AS TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES NEGROS

“[...] tantos brasileiros que negam a sua identidade, inclusive porque a escola não lhes permitiu conhecer sua história e saber quem são [...]” (Moura, 2005, p. 69)

Os anos escolares são fundamentais na contribuição da formação da identidade do estudante. Ele passa os primeiros anos de sua vida inserido na comunidade escolar. Muitos dizem que a escola é a prévia da sociedade que o aluno enfrenta no pós-escola.

Segundo Dessen e Polonia (2007), a escola é como um microsistema da sociedade, ou seja, o estudante trilha uma caminhada que pode não ser totalmente satisfatória, pois nem sempre os desafios encontrados serão fáceis.

Nesse processo de formação de identidade, os estudantes negros enfrentam a discriminação racial quase diária, fato que prejudica a sua construção de identidade. Normalmente a imagem do negro é associado a características negativas. Desde os anos iniciais da educação, a criança já começa a perceber que tudo que é sobre pessoas negras é ruim. O próprio livro didático reforça estereótipos sobre a população negra. E por isso é tão difícil a construção da identidade negra para as crianças dos anos iniciais. Mas aos poucos isso está mudando, a passos lentos, mas podemos observar essa mudança. Gomes afirma que:

Aos poucos, os educadores e as educadoras vêm interessando-se cada vez mais pelos estudos que articulam educação, cultura e relações raciais. Temas como a representação do negro nos livros didáticos, o silêncio sobre a questão racial na escola, a educação de mulheres negras, relações raciais e educação infantil, negros e currículo, entre outros, começam a ser incorporados na produção teórica educacional. Porém, apesar desses avanços, ainda nos falta equacionar alguns aspectos e compreender as muitas nuances que envolvem a questão racial na escola, destacando os mitos, as representações e os valores, em suma, as formas simbólicas por meio das quais homens e mulheres, crianças, jovens e adultos negros constroem a sua identidade dentro e fora do ambiente escolar. (GOMES 2002a, p.40)

Por isso, é sempre importante debater tais questões no ambiente escolar, não somente com os alunos dentro de salas de aula, mas sim com toda a comunidade escolar. No entanto, os estudantes negros ainda sofrem muito com a discriminação em sala de aula, existem professores ainda sem perceber preferem estudantes brancos à estudantes negros. Nesse percurso, o negro e a negra deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura e a sua história (Gomes, 2002b, p.39-40).

Com isso o próprio estudante passa a não acreditar em seu potencial dentro da sala de aula. O estudante começa a pensar que não é capaz e nem precisa de esforço, pois não é esperado nada dele, além de um comportamento de desdém ou dificuldade com as matérias e a escola. De acordo com Gomes:

Não é fácil construir uma identidade negra positiva convivendo e vivendo num imaginário pedagógico que olha, vê e trata os negros e sua cultura de maneira desigual. Muitas vezes os alunos e as alunas negras são vistos como “excluídos”, como alguém que, devido ao seu meio sociocultural e ao seu pertencimento étnico/racial, já carrega congenitamente alguma “dificuldade” de aprendizagem e uma tendência a “desvios” de comportamento, como rebeldia, indisciplina, agressividade e violência. (GOMES, 2002b, p. 41-42)

Isso tudo é esperado do estudante negro na escola muitas vezes esse pensamento caminha em conjunto com o estudante até a conclusão de seus estudos no ensino médio. Os olhares de que o aluno está fazendo a diferença não só entre seus colegas negros, mas também em sua família por concluir o ensino médio e futuramente conseguir um emprego não pré-estabelecido por sua cor, até hoje causa espanto nas pessoas.

A histórica visão negativa desses coletivos e de seus filhos e filhas marcaram e continuam marcando a lenta garantia de seus direitos à educação, à escola e à universidade (ARROYO, 2015). Os desafios não param na escola, pelo contrário, com o passar dos anos os desafios na educação pública apenas aumentam.

Ao nos referirmos à educação pública e superior para a população negra, enfrentamos barreiras enormes para o acesso. Logo após centenário da abolição, uma das preocupações do movimento negro foi o acesso à educação superior. A primeira tentativa das organizações negras de fazer face à obstrução do acesso dos negros à universidade brasileira deu-se na forma de criação de cursos de

preparação para o vestibular (GUIMARÃES, 2003, p. 259). Na época desse estudo, os cursinhos de preparação para vestibular eram de suma importância quando o ensino médio público carregava uma visão negativa em comparação com o ensino médio de escolas particulares. Nessa visão, os alunos oriundos de uma escola pública, em sua maioria estudantes negros e/ou pobres, possuíam pouquíssimas chances de conseguir ingressar em uma universidade pública. Nessa época em comparação, quase todas as vagas disponíveis eram conquistadas por alunos de escolas particulares, reduzindo as vagas para os estudantes de escolas públicas. Com isso, o diálogo sobre possíveis ações afirmativas começou a ser estudado pelo movimento negro, professores e, por fim o governo da época. Segundo Guimarães:

Um dos argumentos mais usados, principalmente por professores das universidades públicas, contra as políticas de ação afirmativa para negros é de que a flexibilização do sistema de ingresso poderia acarretar uma perda de qualidade do ensino e de excelência das universidades. (GUIMARÃES, 2003, p.262)

Com o tempo, muito foi discutido sobre essa “abertura” da educação superior para todos e não apenas à elite branca. Inúmeras críticas, calúnias, várias difamações sobre as ações afirmativas surgiram em meia a nossa sociedade. De acordo com Domingues:

[...] alegam que um eventual programa de cotas vai acentuar o racismo no ambiente universitário, no cotidiano dos estudantes. Ora, o que pode acontecer é cair a máscara do racismo na sociedade brasileira, o que, por sinal, já está acontecendo. (DOMINGUES, 2005a, p.172)

A presença das cotas nas universidades são de extrema importante, pois assim a população negra conseguirá em maior número acesso a tão sonhada educação superior, onde a discriminação racial sempre esteve presente, seja com as cotas, seja sem elas. O racismo é uma arma ideológica de dominação que existe na sociedade brasileira sem a existência das cotas para negros (Domingues, 2005a, p.172).

Alguns anos após os estudos de Guimarães e de Domingues, eis que em 29 de agosto de 2012 a presidenta Dilma Rousseff sanciona a Lei de Nº 12.711. A chamada lei das cotas garante 50% das vagas de instituições de ensino superior vinculadas ao Ministério da Educação (MEC) e as instituições federais de ensino técnico de nível médio. As vagas das cotas são distribuídas por renda, étnico-racial e alunos oriundos da escola pública. Segundo Daflon, Feres Junior e Campos:

A ação afirmativa se diferencia das políticas antidiscriminatórias puramente punitivas por atuar em favor de coletividades discriminadas e indivíduos que potencialmente são discriminados, podendo ser entendida tanto como uma prevenção à discriminação quanto como uma reparação de seus efeitos. Políticas antidiscriminatórias puramente punitiva só se preocupam em coibir comportamentos e práticas que promovam discriminação, sem contudo cuidar da elevação das condições de vida de grupos e indivíduos discriminados. (DAFLON; FERES JUNIOR; CAMPOS, 2013, p. 306)

Com as ações afirmativas, a sociedade tenta amenizar toda a discriminação que ela provocou ao longo de anos. Muitas pessoas se posicionam contra as ações afirmativas, dizendo que “facilitar” o acesso as universidades é a maior discriminação que pode ocorrer com a população negra. E por mais que exista o ingresso por cotas, o número de alunos negros e alunas negras ainda é pequeno em comparação com os estudantes brancos que sem dúvida são a grande maioria nas salas de aula. Segundo a pesquisa que um site angolano fez, e que o site Geledés Instituto da Mulher Negra, publicou aqui no Brasil³:

Mais da metade da população brasileira se autodeclarou negra, preta ou parda no censo realizado pelo IBGE em 2010. Mas apenas 26 em cada 100 alunos das universidades do país são negros. Apesar de ainda muito inferior, o acesso da população negra ao ensino superior aumentou 232% na comparação entre 2000 e 2010.

O site ainda complementa que:

O aumento no acesso à formação universitária reflete as políticas afirmativas implementadas pelo governo nos últimos anos, em resposta às reivindicações históricas do movimento negro no país, mas os dados apontam o gargalo ainda existente: de cada cem formados, menos de três, ou 2,66%, são pretos, pardos ou negros.

E por fim, ainda nos mostra uma triste realidade:

Outro aspecto apontado pelo site angolano é que para cada R\$100 reais ganhos por um branco, um homem negro, com a mesma formação e na mesma função, recebe R\$57,40. No caso de uma mulher negra, o salário cai para R\$38,5.

E assim, os dados nos relatam a triste realidade de nossa sociedade. Ao mesmo tempo que ela acolhe a população negra, e excluí. Por mais que tenha um maior acesso ao ensino superior, conseguimos ver o reflexo da discriminação racial no mercado de trabalho.

³ Dados disponíveis em: <http://www.geledes.org.br/numero-de-negros-em-universidades-brasileiras-cresceu-230-na-ultima-decada-veja-outros-dados/#qs.OsZfG4M>
Acesso: 25 mai. 2017.

2.4. DISCRIMINAÇÃO RACIAL E POR GÊNERO

Muito discute-se sobre discriminação racial e sobre todo o preconceito que a população negra vem sofrendo ao longo de anos. É muito discutido toda a questão de identidade, a questão da construção da identidade na escola, da representatividade em diversos âmbitos e afins. Podemos compreender por identidade “a ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação” (d’ADESKY apud GOMES, 2003, p. 39).

O preconceito fica mais acentuado quando se trata das alunas negras. Desde sua época da escola, as alunas sofrem por sentirem-se culpadas por ter cabelo crespo, nariz grande, pele escura e não compor os padrões de beleza que a sociedade impõe. Mas não podemos tratar de todos esses assuntos de forma plural, de maneira geral, como se a população negra se resumisse em apenas um gênero. Existem homens negros e mulheres negras, ambos sofrem por discriminação racial, mas uma mulher negra enfrenta a discriminação racial e a discriminação por gênero.

Almeida relata que:

No seio do movimento negro, as mulheres negras também não se sentiam ouvidas como os homens eram ouvidos, elas sofriam com a opressão sexista. O feminismo negro buscou então, não somente a erradicação do racismo como também a do sexismo/machismo. (ALMEIDA, 2010, p. 3)

A mulher negra enfrentou um passado muito marcado e até hoje sofre as consequências desse tempo. A população negra sofre muito com os estereótipos, por seu modo de ser e de agir. Os negros, e em particular a mulher negra, se vê aprisionada em alguns lugares: a sambista, a mulata, a doméstica (Nogueira, 1999, p.44). Quando começamos a falar sobre população negra, já estamos abrindo o debate sobre minorias, então falar sobre mulher negra seria o que? Minoria dentro de minoria? Rodriguez nos fala que:

Quando somos referenciados enquanto minorias, sabemos que não é uma expressão que se pauta em uma perspectiva numérica, mas no sentido do alcance de uma liberdade utópica – quanto mais distantes estamos dessa liberdade, mais nos aproximamos da classificação minoritária. Nós, negros e negras, somos minorias porque acessamos minoritariamente bens materiais e bens simbólicos. (RODRIGUEZ, 2016, p. 4)

Infelizmente a mulher negra sofre uma discriminação de gênero mais acentuada que a mulher branca. A mulher negra, além de sofrer discriminação racial por ser negra, sofre também discriminação por ser mulher. De acordo com Rodriguez:

A mulher negra ocupa, como muitos costumam chamar, a base da pirâmide social. Talvez, esse termo seja mesmo o mais adequado, porque é a base que sustenta todo o esqueleto modelado a partir da ordem capitalista, racista e sexista. Isto é, se não fossem a mão de obra barata e os abusos que ela sofre, todo o resto se desmoronaria. É interessante pensar também que “ser base” é uma característica positiva quando apreendemos essa expressão a partir de estruturas afrocentradas. (RODRIGUEZ, 2016, p. 4)

Isso marca muito a vida de resistência das mulheres negra em seus coletivos feministas. Todavia, é sempre bom lembrar que na luta das mulheres feministas suas líderes geralmente são mulheres brancas, o que muitas vezes faz com que as discussões sobre temas relacionados a mulheres sejam mais gerais. Crenshaw afirma que:

Essa situação torna as mulheres negras invisíveis. Em primeiro lugar, seus problemas, às vezes, ficam subincluídos. É como se, embora se possa falar sobre todos os problemas enfrentados pelas mulheres, suas especificidades não devessem ser discutidas. Muitas das questões não incluídas na agenda das feministas afetam especificamente mulheres negras. (CRENSHAW, 2004, p. 14)

Por isso, o feminismo negro é importante, não que esse segmento do feminismo seja melhor ou mais importante, assim como os feminismos são muito necessários.

Nas universidades conseguimos observar um movimento maior com relação ao feminismo, é onde também se destaca o feminismo negro, lutando com toda a sua resistência contra a discriminação que ocorre nos corredores acadêmicos. Podemos observar, ainda assim que nas universidades, a representatividade negra é muito pequena.

2.5. O CONCEITO DE NEGRITUDE

Negritude forjada pela incorporação de uma consciência negra, que remete à reafirmação das identidades individuais dos afrodescendentes com a intenção de uma identificação coletiva entre negros e negras. Negritude traduzida em posicionamentos políticos estratégicos para o estabelecimento de igualdades na sociedade brasileira e de respeito às diferenças. (Machado, 2013, p.29)

A maioria das pessoas que se consideram negras descobre a sua identidade. Não se tem representatividade na televisão, jornais, revistas e em outros meios, ou se elas lá existem é apenas para reforçar ainda mais os estereótipos sobre o povo negro. “Ter que lidar com esse processo identitário não é coisa fácil. É preciso ter coragem para reconhecer que a tão desejada branquitude do brasileiro está, na realidade, repleta de negritude” (Gomes, 2002b, p. 44). Após construirmos a própria identidade como uma pessoa negra, passamos a nos identificar com diferentes coisas, buscar referências e o mais importante, começamos a ser representatividade para alguém. Domingues traz o conceito de:

[...] negritude passou a ser um conceito dinâmico, o qual tem um caráter político, ideológico e cultural. No terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana. Portanto, negritude é um conceito multifacetado [...] (DOMINGUES, 2005b, p.25)

Com essa definição podemos nos familiarizar com esse termo. O termo negritude é oriundo do francês, e surgiu em uma tentativa de afrontamento à sociedade. Segundo Domingues:

A palavra *négritude* em francês deriva de *nègre*, termo que no início do século XX tinha um caráter pejorativo, utilizado normalmente para ofender ou desqualificar o negro, em contraposição a *noir*, outra palavra para designar negro, mas que tinha um sentido respeitoso. A intenção do movimento foi justamente inverter o sentido da palavra *négritude* ao pólo oposto, impingindo-lhe uma conotação positiva de afirmação e orgulho racial. (DOMINGUES, 2005b, p. 29)

Mas identificar-se como uma pessoa negra e ocupar os lugares que são seus por direito requer um esforço muito grande. Existem diversas armadilhas que fazem com que o sentimento de não pertencimento aos espaços, apareça cada vez em nossas mentes, e uma das piores armadilhas é pensar que nós, pessoas negras não pertencemos ao meio acadêmico. “São estratégias de negação, de dúvida, de não-acolhimento, que reiteram a ideia do não-pertencimento, ‘do fora de lugar’ que representa a presença negra na vida universitária [...]” (CARNEIRO, 2005, p. 119). A discriminação racial deve ser debatida desde cedo nas escolas, assim, mais crianças negras poderão construir sua identidade e combater o preconceito racial. “Nesse processo lento e tenso, alguns negros, desde muito cedo, aprendem a posicionar-se de maneira afirmativa e a reagir à discriminação racial” (Gomes, 2003, p. 175). Por isso a presença de professores negros e assuntos relacionados ao povo negro são tão importantes dentro de uma sala de aula. E na universidade a eleição de autores negros e negras já seria um grande passo, já que nossas leituras são geralmente centradas em visões e em vivências brancas.

3. QUESTÕES METODOLÓGICAS

O contexto em que foi realizado esse trabalho caracteriza-se por ser o dia a dia de estudantes universitários. A pesquisa foi realizada entre os meses de junho a outubro do ano de 2017, em uma cidade situada no interior do estado do Rio Grande do Sul. O grupo que fez parte da pesquisa foram alunos negros e alunas negras que fazem parte de um movimento negro que está em seu processo de formação. Eles, por sua vez, compartilharam suas experiências e também os anseios que os fizeram formar o movimento. Por questões éticas, todos os depoimentos que foram mencionados na pesquisa não tiveram seus autores revelados.

A metodologia que foi utilizada nesse trabalho foi a de análise e reflexão acerca de materiais que serão coletados através de uma pesquisa realizada em um grupo focal. Segundo Gomes e Barbosa (1999), a coleta de dados através do grupo focal caracteriza-se por ser uma discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. Portanto o trabalho caracteriza-se por observar as experiências de vida de um grupo, que ajudaram a autora a compreender e refletir diversos aspectos sobre a proposta do trabalho.

Gondim (2002, p. 152) descreve certos usos dos grupos focais em pesquisas, “alguns recorrem a eles como forma de reunir informações necessárias para a tomada de decisão; outros os vêem como promotores da autorreflexão e da transformação social, e há aqueles que interpretam como uma técnica para a exploração de um tema [...]”. As informações coletadas ajudaram a complementar a reflexão da autora em conjunto com as teorias que estão compondo este trabalho.

As perguntas⁴ norteadoras do grupo focal foram:

- Qual a primeira memória que vem a sua mente quando se identificou como uma pessoa negra?
- O que passa na sua mente quando você percebe um racismo velado?
- Já sentiu a discriminação no olhar de professores no ambiente universitário?
- Em nossa sociedade atual, onde a mulher ainda luta por seus direitos, você acredita que o homem negro está acima da mulher negra? Ou a discriminação racial entre homem negro e mulher negra ocorre da mesma forma?

Depois de obter os dados do grupo focal, foi constatado que não é necessária uma nova coleta de dados, tendo em vista que a sessão de grupo focal durou cerca uma hora, e os depoimentos foram repletos do conteúdo e o debate teve um diálogo fluido e necessário para esta nossa etapa da pesquisa. Os depoimentos foram gravados e transcritos com base no seguinte modelo de transcrição proposto por Irala (2012, p. 126):

Modelo de Transcrição

(2")	Medida em segundos das pausas mais extensas.
(.)	Pausa breve
::	Extensão de um som vocálico
<u>Ejemplo</u>	Letras ou palavras sublinhadas indicam ênfase
/	Truncamento de palavras ou desvios sintáticos
(())	Comentário do transcritor
<i>Ãhã, é, e</i>	Itálico (som emitido pelo aparelho fonador sem que faça parte da construção sintática e/ou semântica do contexto em questão).
>ejemplo<	Quando se expressa uma palavra ou enunciado de forma mais acelerada que as palavras ou enunciados vizinhos.

Fonte: Irala (2012, p. 126).

Os depoimentos que fazem parte do trabalho serão apenas trechos que mais me chamaram a atenção e respondem a minha pergunta de pesquisa e conversam com meus objetivos. Estão presentes no apêndice os depoimentos que passam a ser descritos como excerto ao longo da análise dos dados e a transcrição do grupo focal.

⁴Durante a realização do grupo surgiram outras perguntas que contribuíram para a discussão.

4. ANÁLISE E DISCUSSÕES

Ao analisar o material obtido através de uma pesquisa com grupo focal e tendo o intuito de responder a questão norteadora do trabalho. A questão de pesquisa é “Quais os desafios e os avanços do debate da discriminação racial na sala de aula a partir das experiências de alunos negros e alunas negras?”, Para respondê-la, a pesquisadora utilizou perguntas que ajudassem a fazer memória dos participantes e assim, respectivamente trouxesse as suas trajetórias na universidade para a discussão. O uso dessa ferramenta de pesquisa possibilitou um debate em que todos que participaram apresentaram grandes contribuições para a pesquisa.

4.1. Racismo na universidade

Sabemos que muito já avançou desde o surgimento das ações afirmativas, mas como isso reflete no ensino superior, o acesso que tanto foi negado será que obteve algum avanço, ou fez alguma diferença na vida dos estudantes negros? Contudo, temos o conhecimento de que nem tudo são flores, não basta apenas o surgimento de uma lei, se não for feita a sua prática. Silverio diz que:

(...) o combate à pobreza no Brasil passa necessariamente pela manutenção da criança e do jovem negro na escola. Mas em uma escola de qualidade que consiga transmitir, sem mistificação e de forma mais equânime para todos, a contribuição de cada raça, de cada etnia na formação sociocultural brasileira. A construção de um tal processo escolar depende de uma política educacional que considere, entre outras, duas condições básicas: a inclusão imediata dos jovens negros nas universidades por meio de programas de

ação afirmativa e a reformulação curricular da formação de professores a partir de parâmetros multiculturais. (SILVÉRIO 2002, p, 242).

A reformulação da formação de professores, ou ainda a reformulação do currículo ainda é uma necessidade atual. É impossível desejar que a lei seja cumprida, se os envolvidos não a fazem acontecer. E um dos grandes envolvidos nisso tudo é o Estado. Será a partir de mudanças curriculares que nossas escolas darão um passo à frente na luta contra a discriminação. Em consonância com o debate sobre políticas de reparação, de reconhecimento e valorização da população negra e, também, com o artigo 205 da Constituição Federal de 1988, as diretrizes acentuam o papel do Estado em promover e incentivar políticas de reparações, Silvério e Trindad (2012). Uma vez alcançada a base, o futuro de espaços como a universidade deixará de ser um espaço discriminador. As cotas raciais fizeram seu papel ao longo dos anos, o papel de reduzir um pouco do descaso histórico que uma sociedade proporcionou para o povo negro. Mas só elas não se fazem suficientes nessa luta, enquanto o estado não se preocupar de verdade com toda a situação, penso nunca avançaremos em nossa luta. O movimento negro se faz presente e já obteve muitas conquistas. No excerto 1, um dos participantes da pesquisa relatou:

Excerto 1: Historiador e mestrando negro, 28 anos.

“Com as cotas raciais, eu acho que deu um baita de um up na universidade. Assim, por mais que a gente saiba que os números são baixíssimos, 53% da população brasileira é negra e nas universidades tem 14% de negros (.). Nem isso 13%, mas nem chega a 14%, cresce muito devagar o número de negros dentro da universidade, só que eu acho que é um dado, não dado, mas uma luta que eu acho que é interessante botar no diálogo, cotas raciais, indígenas. Indígenas é pior ainda porque enquanto 10 negros entram na universidade, 0,5 indígenas entram. Acho isso interessante porque a universidade é um espaço de poder (.), assim como a sociedade, a nossa família é, a universidade é um espaço de poder. Então é tipo ela vai reproduzir. Por que a sociedade se organiza como? De forma branca, hétero, cis normativa, não tem outra. E quem dita as regras no Brasil é a branquitude né cara, só que eu acho pensando no espaço, quais os espaços que nos foram negados, pensando historicamente. Eu penso que as cotas, elas veem pra isso, pra tentar sanar uma lacuna, um buraco da participação negra ali. E é legal que assim como entram negros e negras na universidade estudantes, assim, está crescendo cada vez mais a vinda de professores e intelectuais negros e ativistas negros que vem tentando desconstruir todas aquelas narrativas”.

O excerto acima nos mostra um pouco dos impactos positivos que as ações afirmativas trouxeram para a sociedade nesses últimos anos. As ações afirmativas foram uma vitória do movimento negro, que intensificou sua luta para aumentar o ingresso de alunos negros e alunas negras na universidade. Como o participante da

pesquisa disse acima, a população negra é mais que a metade do país, mas somente 14% tem acesso a universidades. Mas por quê, mesmo assim o ensino superior ainda é tão seletivo e o acesso de estudantes negros continua pequeno? Acredito que não seja apenas entrar na universidade, é entrar, continuar e concluir o tão sonhado e negado ensino superior. O excerto 2, de uma aluna de um curso de licenciatura, participante da pesquisa, relatou:

Excerto 2: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“A universidade não foi feita para pessoas negras, ela não foi feita para pessoas que são socialmente discriminadas. Nós somos automaticamente discriminados o tempo inteiro e a universidade é o reflexo disso, a universidade é um espaço que não respeita as tuas vivências. Que não respeita as tuas vivências, quando tem um sistema de faltas que não (.) vai de acordo com as tuas vivências. Eu não posso chegar 10 minutos depois eu ganho uma falta e eu tenho 4 faltas eu reprovado por faltas, ok! E isso vai me afastando cada vez desse espaço. É um espaço em que muitas vezes é longe, é difícil de chegar, é difícil acesso então eu gasto muito para chegar lá, e se eu gasto muito pra chegar lá, eu preciso comer lá, eu preciso comer lá, e eu pago pra comer lá. Então a universidade não é um espaço pra pobre, e pobre não tem condições de ficar lá. Existe uma grande exclusão dentro dos cursos. Tem curso que não é pra preto. Tem curso que preto até pode fazer, curso que envolve licenciatura até vai, mas engenharia bah :..”

A aluna descreve o quão difícil é para manter-se na universidade. A luta não existe apenas no momento do ingresso, e sim continua no momento em que a sua matrícula é aceita. Diariamente, alunos negros sentem-se excluídos por não fazerem parte dos pré-requisitos brancos não nomeados que existem dentro do ensino superior. Muitos dizem que universidade não é um lugar para estudantes negros. Reis e Tenório escreveram:

Entendemos que o desafio da Permanência Material do estudante na Universidade – sobretudo na Pública em que as lacunas infra-estruturais obrigam os estudantes a comprarem até mesmo parte dos equipamentos e materiais didáticos e operacionais - é algo que se põe a todo o corpo discente, marcadamente àquele mais pobre e, sobretudo, no caso dos cursos em que se requerem a compra de equipamentos de alto custo (Odontologia, Medicina, Direito) além da dedicação exclusiva. Mas é necessário se pensar que para o estudante cotista, por sua história de vida econômica, o desafio para assegurar a sua permanência e a formação de qualidade (participação em atividades de pesquisa e extensão) é muito maior. (REIS; TENÓRIO, 2009, p.6.)

O ensino superior é um local de disputa de poder, de disputa de saberes e isso acaba fazendo com que as disputas de quem tem mais, ou quem pode mais

nunca terminem. Toda essa tensão faz que o peso da permanência na universidade seja cada vez maior para os alunos negros e alunas negras. Nos excertos 3 e 4 (em sequência), uma estudante de um curso de engenharia (excerto 3), e outra estudante de um curso de licenciatura (excerto 4) dizem o seguinte:

Excerto 3: Aluna negra de Engenharia de Produção, 24 anos.

“Eu acho que isso é todo momento sabe, no momento em que tu entra numa sala, por exemplo, eu que faço engenharia, tu entra em uma sala e tu encontra dois, três negros quando tu encontra. No meu curso que é engenharia de produção que eu acho que é o curso que mais tem gente das engenharias, tem trezentos e poucos, tu encontra três alunos negros, em trezentos e poucos tu encontra três alunos negros. É um negócio complicado é o momento que tu percebe que ali não é o teu espaço, porque tu olha e pensa, cadê os teus? Numa parcela em que nós negros somos a grande parcela da população tu chegar em uma sala de aula e ter a maior parte das pessoas sendo brancas aquilo ali, meio que já te coloca no lugar de pera, o que eu to fazendo aqui, esse aqui não é o meu lugar (.) sabe. Acho que não chega nem ser tanto por as pessoas estarem te falando, no momento em que tu chega e já te dá de cara com aquilo, tu já sente, tu vê que tem algo de errado ali, sabe, que tem um problema.”

Excerto 4: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“A universidade é o lugar mais racista que eu já frequentei. É um espaço completamente branco. Eu olho pro lado e só vejo pessoas brancas, os professores todos brancos, e eu estava até falando esses dias que eu to no 5º, 6º semestre de música e eu tive a minha primeira professora negra, e ela não é contratada do curso, ela é uma professora da educação, da área da educação, e foi a minha primeira professora negra (2)”.”

Nos relatos acima, ambas estudantes dizem que já sentem um sentimento de discriminação ao estar no meio acadêmico. Esse sentimento é algo recorrente logo que começamos a circular dentro dos corredores universitários. A falta de representatividade dentro da universidade é muito grande. Não encontramos colegas negros, professores negros, técnicos negros. Mas encontramos boa parcela de funcionários da área da limpeza negros, será que isso significa alguma coisa? A resposta é: óbvio que significa! No Brasil atual, a sub-representação de profissionais não brancos formados em nível superior é fato que não pode ser ignorado ou atribuído exclusivamente à fatores socioeconômicos (QUEIROZ e MIRANDA, 2017). Não é questão de desvalorização dos atuantes da área da limpeza, mas sim questionar e querer ter representatividade em todos os locais, queremos pessoas

negras tanto na área da limpeza como em sala de aula como professores. Reis e Tenório afirmam:

Dentro de um ambiente que desqualifica sua identidade racial ou que põe em cheque sua capacidade ou mérito em estar cursando uma Universidade, estes jovens recorrem a práticas de resistência que vão da passividade ao enfrentamento agressivo, passando mesmo pela tentativa de branqueamento, através da negação da sua cor ou da manipulação dos símbolos da chamada negritude (cabelos alisados, roupas “discretas”, etc.). Não se pode desconsiderar a passividade, o enfrentamento ou mesmo a tentativa de branqueamento (através da manipulação do corpo) como uma forma que estes estudantes encontram não de permanecer, mas de persistir, e aqui volto a reafirmar a diferença que faço entre estes conceitos. No caso deste último, trata-se de continuar sob todas as adversidades, mas isto não significa estar junto; pertencer ou mesmo fazer parte. (REIS; TENÓRIO, 2009, p.8 e 9)

Acredito que há uma idealização muito forte de que a universidade é um local onde todos que lá estão compartilham de uma cultura de discussões em torno dos diversos temas de nossa sociedade. Como disse o participante do excerto 1, “a universidade é um local de poder”, e essa idealização de que esse é um espaço de poder nos faz ter uma decepção muito grande depois de ingressar nesse meio.

4.2. Movimento negro

O excerto 5 traz um pouco da indignação quanto ao espaço universitário, e toda a disputa de poder que lá ocorre. A participante descreve uma ação do movimento negro dentro de uma universidade federal:

Excerto 5: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“E uma das vezes em que nós fomos pra dentro da universidade não foi uma atividade nossa, foi uma atividade do curso de engenharia que era um debate sobre escravidão, e que a gente se deparou com um professor universitário completamente machista, completamente misógino, completamente racista falando besteiras pra gente e acabou que a gente teve que se defender.”

O movimento negro participante da pesquisa, por mais que seus integrantes sejam estudantes universitários, mas não fazem parte da mesma instituição, então acabam fazendo ações ou fazendo-se presentes em eventos, rodas de conversa ou palestras dentro de vários espaços. Nos excertos 6 e 7 mostram um pouco sobre o movimento negro e sua luta na universidade:

Excerto 6: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“Criar um movimento negro, jovem, que é o caso do nosso que acabou se formando, não é a nossa intenção, nosso foco, que acabou se formando com

caras muito jovens isso é o afronte, e somos afrontosos o tempo inteiro. Quando a gente se coloca dentro da universidade para fazer uma ocupação a gente tá colocando um é o diferente dentro da universidade a gente tá chamando a atenção, e tá ressaltando esse tipo de discussão por gosto, eu quero sim ressaltar esse tipo de discussões. Porque eu cresci a vida inteira falando que futebol, religião e política não se discutia, aí criaram vários dogmas sociais em cima dessas coisas. E hoje em dia a gente vê pessoas se matando por causa disso, porque a gente não discute isso, então quanto mais a gente discutir essas questões, mais espaços a gente tem pra mudar essas coisas::.”

Excerto 7: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“Esses tipos de ação é o que move as nossas lutas, de atitude. Eu sei que é difícil pra uma pessoa branca, que não teve a vivência, que não se depara com o racismo, que não sente o racismo na pele. Sei que é difícil, mas se colocar no lugar, até porque tu não vai saber, a pessoa branca não vai saber o que o negro sente. Não vai entender, o que a pessoa tá sentindo (2)”. Ela pode chegar ao ponto de respeito, que ela vai chegar perto entender que ela não vai entender, é o lugar mais longe que ela vai chegar, entender que ela não vai entender, e sei que é difícil quando tu não tem essa vivência chegar a esses pensamentos. Uma das coisas que eu mais gosto de fazer na universidade é debater, porque eu sei que eu vou, e que eu posso de alguma maneira largar uma sementinha em alguém e a pessoa dizer: -bah, não tinha pensado nessa maneira.”

Em um espaço onde a branquitude se faz maioria, ter um movimento negro é essencial para que as discussões ligadas as questões raciais sejam ouvidas, e debatidas, o excerto 8 expressa a importância das ações dentro da universidade:

Excerto 8: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“Na universidade eu não encontro referências, e então esse é um espaço em que meus colegas me veem como a única colega negra tem pra expressar isso, debates sobre raça, sobre racismo, é soltar suas opiniões controversas, e eu na maioria das vezes, eu tinha que ouvir, esperar toda a roda fechar pra poder contestar e mesmo quando eu contestava eles, era o velho papo do MIMIMI, né, que é: - Ah já tá ela fazendo fiasco, essas coisas. Então eu acho que na universidade eu nunca consegui me impor o suficiente para fazer com que as pessoas pensassem diferente, uma ou duas vezes eu as coisas que o movimento fez dentro da universidade e as ações que eu puder participar e que realmente fizeram a diferença pra uma ou duas pessoas, mas eu ainda vejo isso muito empreguinado no universidade e não é algo que vai sair de uma hora pra outra (.).”

A discriminação racial que está presente no dia a dia dos estudantes negros, é causada por uma falsa superioridade racial, onde pessoas não-negras acreditam seriamente que ainda há espaços onde pessoas negras não devem ir. Queiroz e Miranda falam que:

Por mecanismos sociais estruturados no racismo, a suposta superioridade racial branca foi construída de maneira a justificar a discriminação contra os não-brancos. Nesse sentido, o privilégio branco foi naturalizado, assumindo diferentes significados compartilhados culturalmente, em diferentes contextos sociais. (QUEIROZ; MIRANDA, 2017, p. 5)

E essa mesma sociedade que discrimina os alunos negros, ainda discrimina um pouco mais as alunas negras. A discriminação que ocorre por gênero é bem acentuada no ambiente acadêmico.

4.3. Mulher negra

Os três excertos a seguir (excertos 9, 10 e 11) mostram um pouco da luta das estudantes negras, por seus direitos enquanto mulher negra e em alguns casos mulher negra LGBT⁵:

Excerto 9: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“A mulher negra de forma geral na sociedade é o ser que mais sofre, é o ser que (3”) leva diretamente a maior parte das mudanças e:: é sempre que tá apanhando na vida, é sempre o lado que mais se fera, e quando a gente fala de uma negra solitária, a gente fala de uma mulher que não segue os padrões de beleza, ou seja, ela já é colocada para trás, de uma maneira ela não alcança determinada fase de ensino (.), ou seja, a ideia que a mulher negra não chega no ensino superior, a mulher negra tem serviços de base. Então ela é empregada doméstica, não seriam empregos menos favorecidos, mas sim empregos de base. Ela á a empregada doméstica, ela é a babá, ela é marginalizada (.), é sempre marginalizada. O homem negro, não que ele não sofra, esses tipos e imposições sociais, ele já tem uma posição diferente. Eu não posso falar como homem negro, mas sei que existem diferenças entre eu ser uma mulher negra e eu ser um homem negro. Quando eu falo de homem negro eu estou criando uma visão de ser forte, um ser que luta (.) e quando eu falo de mulher negra eu falo de um ser humano delicado que une, né. E eu quero ser mais que uma mulher que tá ali para serviço da união de todos, eu quero ser um ser que luta, quero estar à frente da história, eu quero ser como mulher negra que faz parte desse tipo de movimento social e que eu luto por uma classe inteira. Eu quero ver as iguais a mim subindo também, não que eu esteja subindo mas eu espero que na vida (2”).”

Excerto 10: Aluna negra de Sistemas de Informação, 21 anos.

“Eu acho que o corpo negro é muito político, a gente é política, então a gente tá sempre tendo que batalhar. Como mulher negra sofro com o racismo e com o machismo, fora as LGBTs fobias, e tipo eu vejo como (4”) sempre tá na luta e aprender a lidar com as coisas. Porque somos vistos muito como forte, que não sofre e eu sei que não. Só que a gente sente presente (.) esse tipo de coisa eu acho.”

⁵ LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

Excerto 11: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“Enquanto mulher negra eu sofro isso na pele, eu não tenho como esconder que eu sou uma mulher negra, então:: eu sofro isso diariamente, independente do espaço em que eu vou, se eu vou numa loja, eu sofro como mulher negra, se eu vou num restaurante eu sofro como mulher negra se eu vou na universidade eu sofro como uma mulher negra. Se eu vou pra dentro de uma escola, porque eu faço licenciatura, eu sofro como mulher negra então eu não tenho como fugir disso, eu não fujo disso, eu não tenho como fugir disso. Tenho muito felicidade em não fugir disso.”

Carneiro (2003) descreve sobre o quão importante e necessário é enegrecer o feminismo, e isso precisa estar cada vez mais presente nas pautas do movimento negro, só assim as mulheres irão começar a serem vistas como forte em sua luta, e não só forte para sustentar a base da sociedade. “Os efeitos do racismo e do sexismo são tão brutais que acabam por impulsionar reações capazes de recobrir todas as perdas já postas na relação de dominação” (Carneiro, 2003, p.129). Reconhecer outras mulheres negras como irmãs e não como inimigas é fundamental para que toda política que existe em torno do corpo negro seja bandeira de luta. Gomes diz o seguinte:

O corpo localiza-se em um terreno social conflitivo, uma vez que é tocado pela esfera da subjetividade. Ao longo da história, o corpo se tornou um emblema étnico e sua manipulação tornou-se uma característica cultural marcante para diferentes povos. Ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas. (GOMES, 2003, p.174)

Acolher as vivências, a dor é fazer com que a solidão que existe em volta da mulher negra diminua até que acabe. Dentro dos espaços acadêmicos isso não é diferente, “para as mulheres negras, contudo, isso implica um enorme esforço cotidiano, que exige o confronto com uma realidade que as exclui e as desqualifica, realidade que insiste em querer lhes fazer crer que esse não é o seu lugar (...)” (Queiroz e Santos, 2016, p. 86). Se analisarmos a situação de como a sociedade está organizada, vamos acabar chegando a uma conclusão que formamos uma pirâmide, ou seja, nada igualitário. Reis descreve a situação como:

Dentre aqueles que sofrem as desigualdades, as mulheres negras e de classe social menos favorecida são as mais prejudicadas. Essa realidade torna-se nítida ao percebermos a hierarquia das oportunidades sociais no que se refere aos quesitos gênero, cor e

classe social: no ápice da pirâmide encontram-se os homens brancos, posteriormente as mulheres brancas, depois os homens negros. E no ponto mais inferior da pirâmide encontram-se as mulheres negras (REIS, 2008, p. 23).

Infelizmente essa situação não mudará de forma rápida, mas o processo de desconstrução não pode tardar a começar. Para as mulheres negras que circulam dentre os corredores acadêmicos não podem deixar sua identidade perdida por lá, devemos pensar sempre na palavra representatividade, isso sempre irá motivar a luta dentro dos corredores e salas de aula da universidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos pensam que o preconceito racial só ocorre de maneira explícita, ou não ocorre dentro da universidade que até hoje é caracterizada como única fonte de saber. Nós enfrentamos uma luta diária para conseguir o tão sonhado diploma do ensino superior, mas diversas vezes ninguém sabe como chegamos lá, o que enfrentamos para estar, e como conseguimos lá ficar. Nos dados coletados, pude perceber cada vivência e como a identificação ou a construção da identidade negra é importante para que consigamos escrever nosso futuro. Os dados que foram coletados e transcritos ajudaram para que houvesse uma reflexão em torno da sociedade na qual estou inserida. Por mais que eu já tivesse presenciado ou sentido em minha própria pele a discriminação racial, ouvir de outras pessoas suas vivências, é sentir empatia e dizer que essa pessoa não está sozinha em sua luta. Sabemos que estamos posicionados em uma região onde o racismo que aqui existe, muitas vezes, não ocorre de forma velada, e ouvir em alguns depoimentos que a maior parte da discriminação sofrida aconteceu em sala de aula (tanto em época

escolar com na universidade), fez-me pensar um pouco mais no meu futuro como docente.

Confesso que antes de realizar a roda de conversa apresentei certo receio, pois e se meus dados não conversarem como as teorias aqui apresentadas e tudo que escrevi não passou de uma ilusão. Mas eu estava enganada, infelizmente (sim, infelizmente), a discriminação racial está cada vez mais presente em nossa sociedade. Entretanto, espero que a pesquisa traga à tona o assunto e ele não fique apenas, voltado aos estudantes negros ou aos integrantes do movimento negro. A discriminação racial deve ser algo que todos incluindo a branquitude devesse compreender e saber mais sobre, compreender, mas sem tirar o negro do seu espaço de fala sobre discriminação racial.

Bernardino relata em seu estudo que ainda existem locais que não aceitam/ou não acreditam que existe negros no Brasil quando o assunto era a implantação das ações afirmativas. E quando o assunto é ações afirmativas, até teorias que a partir do ingresso de alunos cotistas a qualidade do ensino universitário iria decair. Bernardino diz:

Algo muito óbvio e desconhecido – que, portanto, explica por que as pessoas acreditam que a entrada de “alunos cotistas” diminuiria a excelência da universidade – precisa ser de domínio público. Em praticamente todos os vestibulares realizados, há um contingente enorme de alunos aprovados, mas que não é classificado em virtude da pouca oferta de vagas frente à demanda. (BERNARDINO, 2004, p. 93)

Podemos dizer que ainda existe certa resistência por parte da sociedade quando se depara com negros e negras universitários (as), por isso, ainda existe tanta discriminação dentro desses espaços que culturalmente carregam um rótulo de espaço para brancos.

Enquanto a nós, mulheres negras, resistência e união. Sim uso a fatigada palavra união, mas pelo viés positivo. Devemos nos unirmos e terminar com a rivalidade que nossa sociedade machista, coloca em nossas cabeças, quando olharmos para nossas irmãs, saberemos que seremos fortes, não somente fortes para acalmar toda a sociedade, mas fortes para lutar e enfrentar os estereótipos que recaem sobre nós. Não podemos nos deixar levar por posicionamentos que dizem o que devemos ou não fazer. Não seguir o caminho do ensino superior é uma das barreiras que devemos combater. Bell Hooks diz:

“É impossível que floresçam intelectuais negras se não tivermos a crença essencial em nós mesmas, no valor de nosso trabalho, e um endosso correspondente do mundo á nossa volta para apoiá-lo e alimentá-lo. Muitas vezes não podemos procurar nos lugares tradicionais o reconhecimento de nosso valor; temos a responsabilidade de buscá-lo fora e até criar diferentes locações.” (HOOKS apud CARNEIRO, 2003, p.122)

E para que floresçam mais intelectuais negras é necessário que cada vez mais mulheres ingressem no ensino superior. E por essa razão o feminismo negro é de suma importância para nós, mulheres negras e universitárias.

Então, penso que cada um de nós tem um papel fundamental para que cada vez a universidade, tenha mais e mais alunos negros e alunas negras, e que esses consigam concluir seus estudos, e quiçá uma pós-graduação, por quê não? E devemos pensar que em um futuro próximo tenhamos mais professores negros em nossos meios acadêmicos, e assim, possamos fazer da universidade um sonho palpável e não apenas uma utopia que se distancia cada vez mais de nossas escolas. Eu, como futura professora negra, espero conseguir ser representativa para meus futuros alunos e alunas, e que eles sejam a diferença em nossa sociedade.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. C. de. Protagonismo e autonomia de mulheres negras, a experiência das organizações: Geledés e Criola. In: FAZENDO GÊNERO 9, DIÁSPORAS, DIVERSIDADES E DESLOCAMENTO. 2010, Santa Catarina. *Anais...* Santa Catarina: Fazendo Gênero, p. 1-11. 2010.

ARROYO, M. G.. O direito à educação e a nova segregação social e racial – tempos insatisfatórios? EDUC. REV. Belo Horizonte, vol.31, n.3, p.15-47. 2015.

BRASIL. **Lei Nº 1.390**, de 3 de julho de 1951. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L1390.htm . Acesso: 25 mai. 2017.

BRASIL. **Lei Nº 7.716**, de 5 de janeiro de 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm . Acesso: 25 mai. 2017.

BRASIL. **Lei Nº 9.459**, de 13 de maio de 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm . Acesso: 25 mai. 2017.

BRASIL. **Lei Nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso: 14. Dez. 2017.

BRASIL. **Lei Nº 12.288**, de 20 de julho de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm . Acesso: 25 mai. 2017.

BRASIL. **Lei Nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso: 25 mai. 2017.

BERNARDINO, J.: Ações Afirmativas: respostas às questões mais frequentes. O PÚBLICO E P PRIVADO, Ceará, n. 3, p. 83-98, janeiro/junho. 2004.

CARNEIRO, A. S.. **A Construção do Outro Como Não-Ser Como Fundamento do Ser**. São Paulo: USP, 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, S.. Mulheres em movimento. ESTUD. AV., São Paulo, vol.17, n.49, p.117-133. 2003.

CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem. 2004.

DAFLON, V. T; FERES JUNIOR, J.; CAMPOS, L. A. Ações afirmativas raciais no ensino superior público brasileiro: um panorama analítico. CAD. PESQUI, vol.43, n.148, p.302-327. 2013.

DESSEN, M. A; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. PAIDÉIA, Ribeirão Preto, vol.17, n.36, p.21-32. 2007.

DIAS, L. R.. “Quantos passos já foram dados? A questão de raça nas leis educacionais – da LDB de 1961 à lei 10.639/03 de 2003”. In: SECRETARIA DA

EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. Educação do negro e outras histórias. Brasília, SECAD/ UNESCO, p. 49-62. 2005.

DOMINGUES, P.. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. REV. BRAS. EDUC, n.29, p.164-176. 2005a.

DOMINGUES, P.. Movimento da Negritude: Uma Breve Reconstrução Histórica. MEDIAÇÕES – REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005b.

EMICIDA, Boa Esperança. In: EMICIDA, **Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa**. São Paulo: Laboratório Fantasma/ Sony Music, 2015. 1. CD. Faixa 10.

GRIN, M. ; MAIO, M. C.. O antirracismo da ordem no pensamento de Afonso Arinos de Melo Franco. TOPOI (RIO J.), Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 33-45, Junho 2013. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2013000100033&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 14.12.2017.

GOMES, M. E. S.; BARBOSA, E. F., A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos. Disponível em <<http://www.educativa.org.br>> _Aceso em: 25 mai. 2017. Fevereiro: 1999.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? REV. BRAS. EDUC, n.21, pp.40-51. 2002a.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 9, p. 38-47, dez. 2002b. Disponível em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1296> >. Acesso em: 26 maio 2017.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. EDUC. PESQUI, vol.29, n.1, p.167-182. 2003.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. PAIDÉIA, Ribeirão Preto, vol.12, n.24, p.149-161. 2002.

GUIMARAES, A. S. A.. Acesso de negros às universidades públicas. CAD. PESQUI. 2003, n.118, p.247-268. 2003.

IRALA, V. B.. Produção oral em língua estrangeira: contornos identitários múltiplos no processo de avaliação. In: STURZA, E.; FERNANDES, I. & IRALA, V. (orgs.). *Português e espanhol: esboços, percepções e entremeios*. Santa Maria: UFSM, 2011.

Machado, S.. **Comunicação, educação e negritude: interações de professores(as) com as mídias e a cidadania de afro-brasileiros(as) em contextos escolares de Porto Alegre**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2013.

MUNANGA, K.. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?. REV. INST ESTUD. Brasília, n.62, p.20-31. 2015.

MOURA, G. O Direito à Diferença. In: Munanga, Kabengele (org). SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA. Brasília: UNESCO, p. 69-82. 2005.

NOGUEIRA, . B. (1999), "O Corpo da Mulher Negra". PULSIONAL REVISTA de PSICANALISE, ano XIII, nº 135, p. 40-45.

QUEIROZ, M. R.; MIRANDA C.. Contribuições dos estudos críticos da branquitude para o enfrentamento do racismo no ensino superior 2017. Trabalho apresentado no 38. Reunião ANPED, São Luís, 2017.

QUEIROZ, D. M. ; SANTOS, C. M. . As mulheres negras brasileiras e o acesso à educação superior. Revista FAEEBA , v. 25, p. 71-87, 2016.

REIS, D. B. ; TENORIO, R. M. . Políticas Públicas de Acesso e Permanência da População Negra no Ensino Superior: Um Debate em Curso. In: XXIV Simpósio

Brasileiro e III Congresso Interamericano de Política e Administração da Educação, 2009, Vitória -ES. Cadernos ANPAE. Porto Alegre: Maria Beatriz Luce, 2009.

Reis, M. C. G. **Mulheres negras e professoras no ensino superior: as histórias de vida que as construíram.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós Graduação em Educação, Niterói, RJ, 2008.

ROCHA, G. dos S. Antirracismo, negritude e universalismo em Pele negra, máscaras brancas de Frantz Fanon. SANKOFA (São Paulo), São Paulo, v. 8, n. 15, p. 110-119, aug. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/102437/100756>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

RODRIGUEZ, M. D. S.. “Até, meu bem, provar que não, negro sempre é vilão: Racismo e sexismo em um conto de Conceição Evaristo”. REVISTA INVENTÁRIO, nº19, p. 1-12. 2016.

ROZA, L. M. Abordagens do Racismo em Livros Didáticos de História (2008-2011). EDUC. REAL, vol.42, n.1, pp.13-34. 2017.

SCHWARCZ, L. M.. Quase pretos, quase brancos. PESQUISA FAPESP, São Paulo: n. 134, p.11-15, abril 2007.

SILVA, H. J.. A questão dos PCNs e a exclusão. In: _____ Discriminação Racial nas Escolas: entre a lei e as práticas sociais. Brasília: UNESCO, 2002. Cap 3, p. 31-34.

SILVERIO, V. R.. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. CAD. PESQUI. 2002, n.117, p.219-246. 2002.

SILVERIO, V. R.; TRINIDAD, C. T. Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo?. EDUC. SOC, vol.33, n.120, p.891-914. 2012.

7. APÊNDICES

PRINCIPAIS TRECHOS: AUDIO E VIDEO PRODUZIDOS DURANTE UMA RODA DE CONVERSA (GRUPO FOCAL)

Transcrições dos excertos que estão descritos no texto.

Excerto 1: Historiador e mestrando negro, 28 anos.

“Com as cotas raciais, eu acho que deu um baita de um up na universidade. Assim, por mais que a gente saiba que os números são baixíssimos, 53% da população brasileira é negra e nas universidades tem 14% de negros (.). Nem isso 13%, mas nem chega a 14%, cresce muito devagar o número de negros dentro da universidade, só que eu acho que é um dado, não dado, mas uma luta que eu acho que é interessante botar no diálogo, cotas raciais, indígenas. Indígenas é pior ainda porque enquanto 10 negros entram na universidade, 0,5 indígenas entram. Acho isso interessante porque a universidade é um espaço de poder (.), assim como a sociedade, a nossa família é, a universidade é um espaço de poder. Então é tipo ela vai reproduzir. Por que a sociedade se organiza como? De forma branca, hétero, cis normativa, não tem outra. E quem dita as regras no Brasil é a branquitude né cara, só que eu acho pensando no espaço, quais os espaços que nos foram negados, pensando historicamente. Eu penso que as cotas, elas veem pra isso, pra tentar sanar uma lacuna, um buraco da participação negra ali. E é legal que assim como entram negros e negras na universidade estudantes, assim, está crescendo cada vez mais a vinda de professores e intelectuais negros e ativistas negros que vem tentando desconstruir todos aquelas narrativas.”

Excerto 2: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“A universidade não foi feita para pessoas negras, ela não foi feita para pessoas que são socialmente discriminadas. Nós somos automaticamente discriminados o tempo inteiro e a universidade é o reflexo disso, a universidade é um espaço que não respeita as tuas vivências. Que não respeita as tuas vivências, quando tem um sistema de faltas que não (.) vai de acordo com as tuas vivências. Eu não posso chegar 10 minutos depois mesmo que eu more do outro lado da cidade. Se eu chego 10 minutos depois eu ganho uma falta e eu tenho 4 faltas eu reprovado por faltas, ok! E isso vai me afastando cada vez desse espaço. É um espaço em que muitas vezes é longe, é difícil de chegar, é difícil acesso então eu gasto muito para chegar lá, e se eu gasto muito pra chegar lá, eu preciso comer lá, eu preciso comer lá, e eu pago pra comer lá. Então a universidade não é um espaço pra pobre, e pobre não tem condições de ficar lá. Existe uma grande exclusão dentro dos cursos. Tem curso que não é pra preto. Tem curso que preto até pode fazer, curso que envolve licenciatura até vai, mas engenharia bah ::.”

Excerto 3: Aluna negra de Engenharia de Produção, 24 anos.

“Eu acho que isso é todo momento sabe, no momento em que tu entra numa sala, por exemplo, eu que faço engenharia, tu entra em uma sala e tu encontra dois, três negros quando tu encontra. No meu curso que é engenharia de produção que eu acho que é o curso que mais tem gente das engenharias, tem trezentos e poucos, tu encontra três alunos negros, em trezentos e poucos tu encontra três alunos negros. É um negócio complicado é o momento que tu percebe que ali não é o teu espaço, porque tu olha e pensa, cadê os teus? Numa parcela em que nós negros somos a grande parcela da população tu chegar em uma sala de aula e ter a maior parte das pessoas sendo brancas

aquilo ali, meio que já te coloca no lugar de pera, o que eu to fazendo aqui, esse aqui não é o meu lugar sabe. Acho que não chega nem ser tanto por as pessoas estarem te falando, no momento em que tu chega e já te dá de cara com aquilo, tu já sente, tu vê que tem algo de errado ali, sabe, que tem um problema.”

Excerto 4: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“A universidade é o lugar mais racista que eu já frequentei. É um espaço completamente branco. Eu olho pro lado e só vejo pessoas brancas, os professores todos brancos, e eu estava até falando esses dias que eu to no 5º, 6º semestre de música e eu tive a minha primeira professora negra, e ela não é contratada do curso, ela é uma professora da educação, da área da educação, e foi a minha primeira professora negra.”

Excerto 5: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“E uma das vezes em que nós fomos pra dentro da universidade não foi uma atividade nossa, foi uma atividade do curso de engenharia que era um debate sobre escravidão, e que a gente se deparou com um professor universitário completamente machista, completamente misógino, completamente racista falando besteiras pra gente e acabou que a gente teve que se defender.”

Excerto 6: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“Criar um movimento negro, jovem, que é o caso do nosso que acabou se formando, não é a nossa intenção, nosso foco, que acabou se formando com caras muito jovens isso é o afronte, e somos afrontosos o tempo inteiro. Quando a gente se coloca dentro da universidade para fazer uma ocupação a gente tá colocando um é o diferente dentro da universidade a gente tá chamando a atenção, e tá ressaltando esse tipo de discussão por gosto, eu quero sim ressaltar esse tipo de discussões. Porque eu cresci a vida inteira falando que futebol, religião e política não se discutia, ai criaram vários dogmas sócias em cima dessas coisas. E hoje em dia a gente vê pessoas se matando por causa disso, porque a gente não discute isso, então quanto mais a gente discutir essas questões, mais espaços a gente tem pra mudar essas coisas.”

Excerto 7: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“Esses tipos de ação é o que move as nossas lutas, de atitude. Eu sei que é difícil pra uma pessoa branca, que não teve a vivência, que não se depara com o racismo, que não sente o racismo na pele. Sei que é difícil, mas se colocar no lugar, até porque tu não vai saber, a pessoa branca não vai saber o que o negro sente. Não vai entender, o que a pessoa tá sentindo. Ela pode chegar ao ponto de respeito, que ela vai chegar perto entender que ela não vai entender, é o lugar mais longe que ela vai chegar, entender que ela não vai entender, e sei que é difícil quando tu não tem essa vivência chegar a esses pensamentos. Uma das coisas que eu mais gosto de fazer na universidade é debater, porque eu sei que eu vou, e que eu posso de alguma maneira largar uma sementinha em alguém e a pessoa dizer: -bah, não tinha pensado nessa maneira.”

Excerto 8: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“Na universidade eu não encontro referências, e então esse é um espaço em que meus colegas me veem como a única colega negra tem pra expressar isso, debates sobre raça, sobre racismo, é soltar suas opiniões controversas, e eu na maioria das vezes, eu tinha que ouvir, esperar toda a roda fechar pra poder contestar e mesmo quando eu contestava eles, era o velho papo do MIMIMI, né, que é: - Ah já tá ela fazendo fiasco, essas coisas. Então eu acho que na universidade eu nunca consegui me impor o suficiente para fazer com que as pessoas pensassem diferente, uma ou duas vezes eu as coisas que o movimento fez dentro da universidade e as ações que eu pude participar e que realmente fizeram a diferença pra uma ou duas pessoas, mas eu ainda vejo isso muito empregado na universidade e não é algo que vai sair de uma hora pra outra.”

Excerto 9: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“A mulher negra de forma geral na sociedade é o ser que mais sofre, é o ser que leva diretamente a maior parte das mudanças e é sempre que tá apanhando na vida, é sempre o lado que mais se fere, e quando a gente fala de uma negra solitária, a gente fala de uma mulher que não segue os padrões de beleza, ou seja, ela já é colocada para trás, de uma maneira ela não alcança determinada fase de ensino, ou seja, a ideia que a mulher negra não chega no ensino superior, a mulher negra tem serviços de base. Então ela é empregada doméstica, não seriam empregos menos favorecidos, mas sim empregos de base. Ela é a empregada doméstica, ela é a babá, ela é marginalizada, é sempre marginalizada. O homem negro, não que ele não sofra, esses tipos e imposições sociais, ele já tem uma posição diferente. Eu não posso falar como homem negro, mas sei que existem diferenças entre eu ser uma mulher negra e eu ser um homem negro. Quando eu falo de homem negro eu estou criando uma visão de ser forte, um ser que luta e quando eu falo de mulher negra eu falo de um ser humano delicado que une, né. E eu quero ser mais que uma mulher que tá ali para serviço da união de todos, eu quero ser um ser que luta, quero estar a frente da história, eu quero ser como mulher negra que faz parte desse tipo de movimento social e que eu luto por uma classe inteira. Eu quero ver as iguais a mim subindo também, não que eu esteja subindo mas eu espero que na vida.”

Excerto 10: Aluna negra de Sistemas de Informação, 21 anos.

“Eu acho que o corpo negro é muito político, a gente é política, então a gente tá sempre tendo que batalhar. Como mulher negra sofro com o racismo e com o machismo, fora as LGBTs fobias, e tipo eu vejo como ... Sempre tá na luta e aprender a lidar com as coisas. Porque somos vistos muito como forte, que não sofre e eu sei que não. Só que a gente sente presente esse tipo de coisa eu acho.”

Excerto 11: Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

“Enquanto mulher negra eu sofro isso na pele, eu não tenho como esconder que eu sou uma mulher negra, então eu sofro isso diariamente, independente do espaço em que eu vou, se eu vou numa loja, eu sofro como mulher negra, se eu vou num restaurante eu sofro como mulher negra se eu vou na universidade eu sofro como uma mulher negra. Se eu vou pra dentro de uma escola, porque eu faço

licenciatura, eu sofro como mulher negra então eu não tenho como fugir disso, eu não fujo disso, eu não tenho como fugir disso. Tenho muito felicidade em não fugir disso.”

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL:

Então, eu vou fazer umas perguntinhas bem básicas mesmo, são as que “tão” no meu TCC, que estou tentando responder com a pesquisa em si, daí eu queria saber se vocês pudessem responder eu ficaria muito grata. Mas daí podem responder como em questão de roda de conversa mesmo, e se eu me atrapalhar meio que:: Eu não vou mediar, eu vou só tentar fazer a pergunta e vocês se organizem como vocês estão acostumados, tá!? A primeira pergunta que tenho, quando eu comecei a escrever, como se fosse na época escolar, fazendo uma memória, daí então, então eu queria perguntar pra vocês:

-Qual foi a primeira memória de vocês, que vem a cabeça quando vocês se identificaram como uma pessoa negra?

Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

- Eu percebi que eu :: que :: eu era :: não era igual aos igual aos outros colegas. Quando eu olhava pros lados e eles tinham um modelo de beleza e eu não (.), eles se associavam, a uma beleza:: eu não. Quando por algum motivo eu podia ser chamada de negra suja, e eles não. Quando ahh :: as ofensas eram diferentes eu percebi que eu era diferente, quando eu (3’), eu lembro, eu nunca vou esquecer a primeira vez que eu sofri racismo na vida. Eu tinha uns 4 anos e um amigo, suposto amigo, do meu irmão que tinha a pele mais clara que eu, mas é negro. Ele :: olhou pra mim e me chamou de (.) ele olhou pra mim e me chamou de (.) ele falou alguma coisa do tipo :: -tu é bem negra, que nem barro, lama, coisas assim sabe, e me comparou com o asfalto. Lembro dessas coisas duas coisas e foi a primeira vez que eu me deparei com a colocação de que eu era diferente, daí eu entrei na escola e eu vi que eu realmente era diferente que eu :: que eram poucos, que eram poucos que se identificavam como eu, e :: eu percebi que tinha alguma coisa errada em ser quem eu era. Mas até me identificar como mulher negra demorou um puta tempo, demorou muito mais tempo. Quando eu larguei o ensino médio, eu não me adaptei ao espaço e não consegui fazer o ensino médio, e :: quando eu estava meio dessa transição de sair do ensino médio, foi quando eu comecei a me identificar como mulher negra, então, era meu primeiro ano de ensino médio e eu não consegui me enxergar ali. 90% das turmas que eu participei, porque eu trocava de turnos pra ver se eu me adaptava, mas não funcionava turnos e turmas, e :: e eu na maioria das vezes era a negra da sala e :: eu nunca fui uma pessoa que conseguia me contentar com as coisas quando eu via alguma coisa que eu me ofendia de alguma maneira eu contestava, então eu era de alguma maneira uma perseguida na sala por conta disso, e eu comecei a problematizar essa concepção, porque que eu não posso contestar, porque é tão estrondoso eu, contestar as coisas. Eu comecei a me ver como mulher e negra, e como isso tinha um peso forte na vida das pessoas. Uma mulher negra que não se contentava com as coisas (2’’) que costumavam dar :: pra ela, que ela não se encaixava, e foi a época que eu me descobri LGBT então eu tava (.) eram muitas coisas na minha cabeça, e eu me identificando como mulher negra e :: me identificando como LGBT e sai da escola, foi exatamente isso que eu fiz, sai da escola.

Historiador e mestrando negro, 28 anos.

-Então, que eu lembre a primeira vez que me descobri, é ::, foi quando eu estava na frente da casa de um amigo. Era criança, jogando bola na rua em frente, estava eu e meu irmão, eu tenho um irmão gêmeo, estava eu e meu irmão, daí eu tenho um amigo, um amigo meu que é alemão, alemãozinho,

e tipo, dai chegou o vô dele e falou: -entra e sai dai, não te mistura com esses meninos ai, dai ficou um olhando pro outro, dai ele entrou constrangido e ele abriu a porta, e o velho falou assim, e vocês saiam da frente da minha casa, seus nego sujos, não sei o que, crioulo, ai tipo fiquei chocado, assim né, não entendia muito, era criança. Ai o que eu fiz, fui em casa, falei com meu pai e minha mãe, meu pai é preto e minha mãe é branca, ai na hora meu pai queria falar com ele, a mãe meio que acalmou ele, disse que ia fala com a esposa do velho. Acho que foi a minha primeira experiência, mais assim, foi um choque assim, que eu me lembre foi essa, dai depois eu lembro de ter ficado um pouco mais adolescente e comecei a ler umas coisas, escrever algumas coisas, dai comecei a conhecer os movimentos como os Panteras negras, que luta pelos diretos civis ai foi alavancando cada vez mais a cabeça assim pra entender meu lugar na sociedade que eu e lembre foi isso.

Aluna negra de Sistemas de Informação, 21 anos.

-Eu não tenho muita lembrança, não sei se é algum bloqueio, que eu tenho assim, foi o que a ((aqui a participante faz menção a outra participante, citando seu nome)) falou eu sempre me senti a única por ser negra, mas não tinha consciência (.), não tinha capacidade de pensar tipo sobre isso, quando pequena não tinha esse espaço de falar em sala e essas coisas assim, mas é muito disso, tu não te ver nos locais, tu ser o único negro da sala, único negro na festa, esse tipo de coisa.

Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

-Eu acho que também, eu acho que tem essa grande diferença entre descobrir que é negro, porque a gente descobre que é negro, porque todos os modelos que a gente tem é de pessoas brancas e ai a gente descobre, ai ok, sou negro e ai tem tu aceitar que é negro.

Aluna negra de Sistemas de Informação, 21 anos.

-Aceitar acho que demorou bastante né, acho que foi quase junto contigo ((referindo-se a outra participante da conversa)) foi um tempo depois, assim, muito tempo depois, algo tipo uns 8 anos mais ou menos. Porque você descobre e depois aceita.

Mediadora do grupo.

-Quando eu formulei essa pergunta eu lembrei que eu realmente me descobri negra, quando eu era criança geralmente tu não tem pessoas negras na TV, geralmente quem faz programa infantil não negras, tudo são as loiras, tudo diferente da nossa realidade, dai eu lembro que eu tinha, era bem criança, dai eu achava que era igual as pessoas da TV dai eu achava que eu era igual as pessoas das televisão né, dai eu me olhei no espelho e vi que eu não era, dai deu aquele choque, assim sabe, bah, eu não sou igual a pessoa da TV e agora? Minha mãe é branca, ela é negra mas ela é todo aquele colorismo sabe, ela tem a pele muito clara, então ela passa como branca ela não tem traços negros, mas tem o cabelo crespo, mas devido a época dela ela é quase uma senhora tem 60 anos, então ela vivia uma época de alisar cabelo, não tem mais a raiz, não tem nada disso, ela era mais similar da pessoa da TV que eu tinha por perto, vizinhos brancos, boa parte da família, dai eu tenho pai negro mas dai eu descobri que eu não era igual a pessoa da TV. Foi bem esse caminho da descoberta.

-Na escola ou na universidade, o que passa na cabeça de vocês quando vocês sentem aquele racismo velado sabe, quando a pessoa tenta, ou fala alguma coisa e tenta distorcer a situação,

o que passa na mente de vocês quando passam por uma situação dessas? Na escola ou na universidade.

Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

-Ahh ::, que acho que eu demorei um tempo pra enxergar o racismo velado, e os que eu consegui enxergar era uns bem diretos, os que eu geralmente acontecem de criança pra criança né. Escola tem muito racismo a gente sofre muito racismo, mas acredita sempre que na escola ciente denunciava-se casos de racismo para os professores, na maioria das vezes brancos, eles pedem pro coleguinha pedir desculpa e passou né (.) eu lembro que uma das vezes que eu larguei o ensino médio, além de não me adaptar uma vez, eu lembro que eu fiz um trabalho muito bom, sobre um tema que eu adorava, sabe adorava e eu geralmente tinha mais facilidade com professores de literatura porque geralmente eles são os professores do ensino médio que a gente tem, que são aqueles que tem mais prazer em ver os alunos debatendo, e conversando. E eu sempre fui uma pessoa que adorava debater e questionar enfim. E uma vez uma professora de química, pediu um trabalho. Uma professora branca, loira, classe média alta, que era bem jovem alias, mas acredito que a idade dela não influenciava :: mas quando ela viu o trabalho que eu gostei muito de fazer, e que eu me empenhei muito pra fazer e me deu a nota mais:: baixa da turma, e eu fui contestar ela, por quê? Por que, ela tinha me dado aquela nota tão baixa, e:: ela falou que aquele trabalho não era meu, eu escrevi todo o processo escrevendo o trabalho e ela não acreditava, não acreditou em mim. Ela não se deu ao trabalho de pegar um trecho no google pra ver se realmente era meu e:: ela simplesmente me deu a nota mais baixa da turma, e não quis questionar, não quis me ouvir. Dai eu pensei, putz tem um problema ai, porque eu sou incapaz? Por que na cabeça dela eu sou incapaz? (2'') E ai foi quando eu comecei a procurar mais casos de preconceito velado, pré-conceito, ela já tinha uma opinião formada, então existe um pré-conceito. Porque esse conceito está empreguinado nas pessoas e era tão difícil, pensar diferente pra ela, foi quando eu comecei a ver esses racismos velados e a universidade é um dos lugares mais racistas que eu frequentei; É um espaço completamente branco, eu olho pros lados e só vejo pessoas brancas, os professores todos brancos, eu estava até falando esses dias que eu to no 5º, 6º semestre de música e eu tive a minha primeira professora negra, e ela não é contratado do curso, ela é uma professora da educação, da área da educação (2'') e foi a minha primeira professora negra, antes dela eu tive uma professora negra no fundamental e só (.), no ensino médio desculpa e só, não só esses, foi o meu contato com professores negros. Na universidade eu não encontro referencias, e então esse é um espaço em que meus colegas me veem como a única colega negra tem pra expressar isso, debates sobre raça, sobre racismo, é:: soltar suas opiniões controversas, e eu na maioria das vezes, eu tinha que ouvir, esperar toda a roda fechar pra poder contestar e mesmo quando eu contestava a visão eles, era o velho papo do MIMIMI, né, que é: - Ah já tá ela fazendo fiasco, essas coisas. Então eu acho que na universidade eu nunca consegui me impor o suficiente para fazer com que as pessoas pensassem diferente, uma ou duas vezes eu as coisas que o movimento fez dentro da universidade e as ações que eu puder participar e que realmente fizeram a diferença pra uma ou duas pessoas, mas eu ainda vejo isso muito empreguinado no universidade e não é algo que vai sair de uma hora pra outra (.) e que a gente dentro da universidade, a gente ainda não tem modelos, algumas pessoas acham que cotas é privilégio.

Historiador e mestrando negro, 28 anos.

-Quando a gente fala em racismo velado que vem a cabeça é a ideia de democracia racial, a história d Brasil foi construída encima desse mito, e esse é o discurso que de certa forma está institucionalizado em todos espaços não só dentro da escola, ou da universidade, tá aqui, tá ali, tá em casa, tá em qualquer lugar na nossa família né, é por isso que o racismo velado é tão::, tu me perguntou o que eu sinto né, o que que eu sinto né o que a gente sente quando vê racismo velado eu sinto um misto de ódio, raiva assim entende, e ao mesmo tempo de perspectiva de luta, de tentar táticas de tentar enfrentar esse racismo velado, ele vai desconstruindo, esse trabalho, de desconstruir o racismo velado é trabalho de base, de formiguinha (.), o movimento, ele existe pra isso, um dos

objetivos é esse, debater esses racismos institucionais, velados que tá presente na universidade, a nossa família, na nossa casa e na nossa casa e na nossa relação afetiva, nossa amizade. Eu digo né (.), quando eu comecei a fazer parte do movimento eu perdi vários amigos, eu ganhei amigos, mas eu perdi muitos amigos. Eu não tenho paciência pra amiguinhos ficarem –“ih oh lá a nega não sei o que”, sabe tipo, um exemplo, não tenho paciência pra essas coisas mais. Tentar desconstruir isso é uma das tarefas dos movimentos sociais, tentar desconstruir a ideia que o Brasil foi construído através da democracia racial. Não existe democracia racial, uma tese inventada por um acadêmico, branco (.) Roberto Freire branco, formação na Europa. Ele chegou e estudou o negro do Brasil e disse: - oh escravidão foi boa pro Brasil, não foi que nem nos Estados Unidos que né, isso não existe, as relações raciais no Brasil elas são intensamente tensas. Todo dia se tem uma tensão, nunca houve harmonia entre branco-negro e isso é repetido na sociedade, nas relações diárias. Então eu sinto um misto de ódio e raiva e ao mesmo tempo vontade de lutar de desconstruir é uma tarefa de professor eu acho que tá principalmente de gestões públicas, enfim.

Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

-Esses tipos de situação é o que move as nossas lutas, de atitude. Eu sei que é difícil pra uma pessoa branca, que não teve a vivência, que não se depara com o racismo, que não sente o racismo na pele. Sei que é difícil, mas se colocar no lugar, até porque tu não vai saber, a pessoa branca não vai saber o que o negro sente. Não vai entender, o que a pessoa tá sentindo (2”). Ela pode chegar ao ponto de respeito, que ela vai chegar perto entender que ela não vai entender, é o lugar mais longe que ela vai chegar, entender que ela não vai entender, e sei que é difícil quando tu não tem essa vivência chegar a esses pensamentos. Uma das coisas que eu mais gosto de fazer na universidade é:: debater, porque eu sei que eu vou, e que eu posso de alguma maneira largar uma sementinha em alguém e a pessoa dizer: -bah, não tinha pensado nessa maneira.

Historiador e mestrando negro, 28 anos.

-Só:: pra:: concluir aqui, que quando a gente fala em racismo velado é tipo, também acho que tem outras que a gente acaba citando. O Brasil é uma país completamente miscigenado, a gente tem:: que nem eu falo não existe negro, não existe movimento negro. Existem negros, movimentos negros ... é difícil até para as pessoas que tem o tom da pele mais clara. /Barulhos em volta/. Porque essa ideia de miscigenação é usada ... eu ((a pessoa fala seu nome)) penso que a ideia de miscigenação no Brasil é usada para desarmar luta do movimento negro. “porque, ah:: nós somos um país miscigenado, não tem preto no Brasil que nem tem nos Estados Unidos, não tem. O estado tem essa ideia de separar o preto do branco. Aí um cara um pouquinho mais claro, a mulher mais clara um homem um pouquinho mais claro vai ficar naquele limbo, naquele meio termo ali, de não ser branco nem negro.

Mediadora do grupo.

“acho que a ideia inicial era deixar o país mais branco né” (mediadora do grupo)

-Sim, sim! Foi um projeto político, um projeto político do governo brasileiro que era justamente eliminar. Como tu vai eliminar o negro, o africano no Brasil? Casando com um branco (2”). Miscigenando, quanto mais claro for uma população mais civilizada ela vai ser. Então por isso que eu falo que hoje em dia os debates do movimento negro são justamente isso, tu entender as diferenças. Tu entender que o negro é diverso, não é um só. Tem negro mais claro, tem negro mais escuro. Eu sempre digo uma frase de uma intelectual negra que esqueci o nome agora, mas ela diz o seguinte: sobre esses negros mais claros, sobre as mulheres e homens mais claros. Ela diz o seguinte: o meu cabelo mais lisinho, o meu cabelo mais cacheadinho, e a minha pele um pouquinho mais clara, o nariz um pouquinho mais fino, pode até tirar da senzala, mas quando muito me coloca na cozinha da casa grande. Na hora em que o racismo vem eu vou sofrer, não com tanta intensidade. Eu sei que eu sendo mais claro tenho mais privilégio que pessoas mais pretas.

“dizem que eu sou branca para ser preta e preta demais para ser branca” (colaboradora do movimento, 20 anos)

Historiador e mestrando negro, 28 anos.

-Exatamente, a gente acaba (3'') ficando nesse muro. Foi uma construção em cima da ideia da miscigenação, que hoje em dia a gente tenta buscar isso, desconstruir isso também. Porque o racismo velado ele sobretudo ele atinge isso aí, pessoas mais pretas, né, mas o preto mais claro, o negro mais clarinho assim, ele talvez ele vá sofrer com uma intensidade mais cotidiana mais diária justamente por ter uma pele mais clara, tem diferença

-Ele pode ser mais propenso a brincadeiras, vamos dizer assim

-É de formas diferente

-Ahh ele não vai se ofender, porque ele não é negro

-Exatamente, ele opera de formas diferentes(.). Ao mesmo tempo que o cara, a mulher que tem a pele mais clara tem mais chances de ascender socialmente, as chances dele dobram né, de:: ascender e descer ser excluído e discriminado no lugar, no espaço em que ele tá. Então o racismo opera de formas diferentes entre as pessoas que são mais claras e as mais escuras (.), aí entra a ideia de racismo velado.

Como vocês enxergam o homem negro e a mulher negra na nossa sociedade?

Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

-Bom eu acho que quando eu ouço falar sobre :: questões de gênero dentro do movimento negro eu sempre penso que é o símbolo da mulher negra. A mulher negra de forma geral na sociedade é o ser que mais sofre, é o ser que (3'') leva diretamente a maior parte das mudanças e:: é sempre que tá apanhando na vida, é sempre o lado que mais se fere, e quando a gente fala de uma negra solitária, a gente fala de uma mulher que não segue os padrões de beleza, ou seja, ela já é colocada para trás, de uma maneira ela não alcança determinada fase de ensino (.), ou seja, a ideia que a mulher negra não chega no ensino superior, a mulher negra tem serviços de base. Então ela é empregada doméstica, não seriam empregos menos favorecidos mas sim empregos de base. Ela é a empregada doméstica, ela é a babá, ela é marginalizada (.), é sempre marginalizada. O homem negro, não que ele não sofra, esses tipos e imposições sociais, ele já tem uma posição diferente. Eu não posso falar como homem negro, mas sei que existem diferenças entre eu ser uma mulher negra e eu ser um homem negro. Quando eu falo de homem negro eu estou criando uma visão de ser forte, um ser que luta (.) e quando eu falo de mulher negra eu falo de um ser humano delicado que une, né. E eu quero ser mais que uma mulher que tá ali para serviço da união de todos, eu quero ser um ser que luta, quero estar a frente da história, eu quero ser como mulher negra que faz parte desse tipo de movimento social e que eu luto por uma classe inteira. Eu quero ver as iguais a mim subindo também, não que eu esteja subindo mas eu espero que eu suba na vida (.). Então quando existem várias escalas de preconceito, eu não sou ninguém para medir essas escalas, mas, eu sei que elas existem e elas existem além de mim. Então vai por mim, o quanto eu vou lutar por isso, o quanto eu vou enxergar isso, eu não posso me omitir disso, quanto mulher negra e membro de movimentos sociais.

Aluna negra de Sistemas de Informação, 21 anos.

-Eu acho que o corpo negro é muito político, a gente é política, então a gente tá sempre tendo que batalhar. Como mulher negra sofro com o racismo e com o machismo, fora as LGBTs fobias, e tipo eu vejo com :: sempre tá na luta e aprender a lidar com as coisas. Porque somos vistos muito como forte, que não sofre e eu sei que não. Só que a gente sente, pressente (.) esse tipo de coisa eu acho.

Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

-Acho que, frente feministas em movimentos, é o que a gente mais tem sede sabe (.). Porque são debates que estão sendo a cada dia mais necessários. O machismo, o racismo são coisas que

sempre existiram socialmente, só que a gente vive numa era em que as pessoas começaram a se mostrar, elas tem mais voz, elas tem outros meios de comunicação então, não que:: que:: esses debates nunca tenham existido mas hoje em dia nós temos mais meios, a gente tem internet a gente tem mais formas de comunicação. Então eu acho que como mulher negra.

Colaboradora do movimento, 20 anos.

-Quando eu cheguei aqui e fui na ((a participante cita uma instituição de ensino da cidade)) saber sobre o curso de engenharia civil, fui falar com a reitora sobre, e ela olhou bem para mim com uma cara de que não era possível uma mulher negra fazer engenharia aqui (.), até porque depois eu pesquisei e descobri que não tem nenhuma mulher fazendo engenharia civil (.), aqui.

Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

-Eu acho que quando eu me vejo socialmente como uma mulher negra e LGBT, eu sei que eu tenho várias travas. Enquanto LGBT, eu nunca tive um relacionamento muito firme com uma mulher LGBT, então vai ser muito difícil pra mim me colocar no movimento LGBT, me impor nele e falar dos preconceitos que eu vivi, vivo sendo mulher LGBT, porque eu não vivencio isso. Por mais que eu seja uma mulher LGBT, eu não tenho essa vivencia. Mas enquanto mulher negra eu sofro isso na pele, eu não tenho como esconder que eu sou uma mulher negra, então:: eu sofro isso diariamente, independente do espaço em que eu vou, se eu vou numa loja, eu sofro como mulher negra, se eu vou num restaurante eu sofro como mulher negra se eu vou na universidade eu sofro como uma mulher negra. Se eu vou pra dentro de uma escola, porque eu faço licenciatura, eu sofro como mulher negra então eu não tenho como fugir disso, eu não fujo disso, eu não tenho como fugir disso. Tenho muito felicidade em não fugir disso. Essa é minha luta com a ((a participante cita outra participante)) disse, meu corpo é instrumento político, se eu uso meu corpo como instrumento político eu me faço como bandeira. E:: eu acho que quando a gente fala sobre questões de gênero, nos movimentos sociais a gente tá falando sobre empoderamento, a tender a se ver como poder. Eu sempre questiono essa palavra de empoderamento, porque as pessoas acham que os:: negros:: hoje:: em dia, eu falo porque já ouvi isso de colegas e supostos amigos, as pessoas acham que hoje em dia o ser negro quer poder, mas a gente não quer poder a gente quer poder estar nos espaços, a gente quer poder conseguir as coisas, eu posso, eu posso fazer coisas sabe, e quando eu:: me vejo como mulher negra LGBT, eu sei que tenho muito que aprender, mas quando eu falo, sou uma mulher negra, eu vivo isso a anos eu sei o que é isso, eu vivencio isso, eu não tenho como fugir das coisas que eu vivi a vida inteira. Então eu acho que seria muito raso eu me colocar aqui como uma mulher negra LGBT, sendo que eu não (.), por mais que eu tenha debates e esteja na causa LGBT, eu não sofro isso na pele, porque a maioria dos meus relacionamentos, eles eram hetéro, então as minhas bandeiras estão visíveis no meu rosto na minha pele, elas estão visíveis no meu cabelo. Elas são visíveis quando as pessoas passam por mim na rua. Eu não tenho como fugir delas e eu não quero fugir delas.

Vocês têm alguma memória na universidade, que vocês sentiram na pele o que é ser negro, e estar em um lugar onde as pessoas não querem que você esteja?

Aluna negra de Engenharia de Produção, 24 anos.

-Eu acho que isso é todo momento sabe, no momento em que tu entra numa sala, por exemplo, eu que faço engenharia, tu entra em uma sala e tu encontra dois, três negros quando tu encontra. No meu curso que é engenharia de produção que eu acho que é o curso que mais tem gente das engenharias, tem trezentos e poucos (.), tu encontra três alunos negros, em trezentos e poucos tu encontra três alunos negros. É um negócio complicado é o momento que tu percebe que ali não é o teu espaço, porque tu olha e pensa, cadê os teus? Numa parcela em que nós negros somos a grande parcela da população tu chegar em uma sala de aula e ter a maior parte das pessoas sendo brancas aquilo ali, meio que já te coloca no lugar de pera, o que eu to fazendo aqui, esse aqui não é o meu lugar sabe. Acho que não chega nem ser tanto por as pessoas estarem te falando, no momento em que tu chega e já te dá de cara com aquilo, tu já sente, tu vê que tem algo de errado ali, sabe, que tem um problema.

Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

-A universidade não foi feita para pessoas negras, ela não foi feita para pessoas que são socialmente discriminadas. Nós somos automaticamente discriminados o tempo inteiro e a universidade é o reflexo disso, a universidade é um espaço que não respeita as tuas vivências, que não respeita as tuas vivências quando tem um sistema de faltas que não (.) vai de acordo com as tuas vivências. Eu não posso chegar 10 minutos depois mesmo que eu more do outro lado da cidade. Se eu chego 10 minutos atrasada eu ganho uma falta e se eu tenho 4 faltas eu reprovoo por faltas, ok! E isso vai me afastando cada vez desse espaço. É um espaço em que muitas vezes é longe, é difícil de chegar, ter acesso então eu gasto muito para chegar lá, e se eu gasto muito pra chegar lá, eu preciso comer lá, gastar, então a universidade não é um lugar pra pobre, e pobre não tem condições de ficar lá. Existe uma grande exclusão dentro dos cursos. Tem curso que não é pra preto. Tem curso que preto até pode fazer, curso que envolve licenciatura até vai, mas engenharia bah ::.

Aluna negra de Engenharia de Produção, 24 anos.

-Porque nossa, desde que eu deixei de alisar o cabelo, de parar e perguntar, poxa tu é de letras? Não sou da produção. Ahh tu tem cara de humanas, ahh ta pode crer! Legal! Isso acontece muito sabe, engenharia não pra preto sabe, tu não pode tá ali, ao menos que tu tenha o cabelo liso ou que tu não mostre que tu é negro, no momento que tu mostrou que tu é negro, tu não cabe mais na engenharia.

Colaboradora do movimento, 20 anos.

-Tu escutar da tua própria família assim: - Engenharia civil não é pra mulher, obra não é pra mulher. Isso eu ouvi das minhas tias que são bem mais velhas, tu sabe que na obra vão tentar te agarrar né, falaram bem assim, ainda falaram abismadas, nossa tu vai fazer engenharia mesmo, porque tu não faz alguma coisa mais calminha, uma coisa mais pra ti. Sim porque as pessoas, principalmente nessa cidade, tanto que com 20 anos eu nunca tinha sofrido racismo, aqui foi a primeira vez. Foi a primeira vez que eu sentia a sensação de ser discriminada pelo sexo que eu tenho e pela cor da minha pele. Isso eu nunca tinha sentido, e desde que eu cheguei aqui, isso já aconteceu dentro da universidade, dentro da minha família. A pior coisa é tu escutar, isso não é pra ti (.). Meu sonho é ser engenheira e eu vou ser engenheira, e a pior coisa e a tua família que devia te dá a base não te apoiar, isso é a pior coisa.

Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

-Acho que a gente vive no meio que, nós que estamos na região da campanha a gente vê as coisas de maneira muito direta, tem esses confrontos de maneira direta o tempo inteiro. Então criar um movimento negro, jovem, que é o caso do nosso que acabou se formando, não é a nossa intenção, nosso foco, que acabou se formando com caras muito jovens isso é o afrente, e somos afrontosos o tempo inteiro. Quando a gente se coloca dentro da universidade para fazer uma ocupação a gente tá colocando um é o diferente dentro da universidade a gente tá chamando a atenção, e tá ressaltando esse tipo de discussão por gosto, eu quero sim ressaltar esse tipo de discussões (.). Porque eu cresci a vida inteira falando que futebol, religião e política não se discutia, ai criaram vários dogmas sócias em cima dessas coisas. E hoje em dia a gente vê pessoas se matando por causa disso, porque a gente não discute isso, então quanto mais a gente discutir essas questões, mais espaços a gente tem pra mudar essas coisas:: A gente tá se construindo enquanto movimento mas a gente tenta trazer o tempo inteiro essas questões, essas questões de gênero como um dos carros fortes, é o que a gente mais debate, é uma das coisas que a gente mais fala porque temos a maioria como mulheres (2") e como eu falei no começo da fala, a mulher negra é o ser que mais sofre na sociedade brasileira, não só na sociedade brasileira mas falo do espaço onde to vivendo e a gente tá tentando se embasar e se encher de literatura para a gente poder falar sobre isso, e a gente tá encontrando as nossas referências a gente tá lutando, a gente tá em construção, a gente tá se munindo pra poder continuar falando sobre isso, eu agora me enxergando como ativista, fazendo atos, é tem muita coisa pra gente crescer ainda a gente é jovem, a gente tá desde maio junto então é muito pouco tempo pra movimento, de maio a agosto a gente tá tentando fazer várias coisas. A gente é um movimento aberto, então a gente acaba abraçando muita gente, muitas vivências, então acaba sendo difícil pra

gente ficar só no meio universitário, e acabam que a maioria das nossas ações foram dentro da universidade, maioria não, duas. E uma das vezes em que nós fomos pra dentro da universidade não foi uma atividade nossa, foi uma atividade do curso de engenharia que era um debate sobre escravidão, e que a gente se deparou com um professor universitário completamente machista, completamente misógino, completamente racista falando besteiras pra gente e acabou que a gente teve que se defender, então a gente tem que primeiro se munir, para gente depois sair por ai e se posicionar. E eu acho que até agora a gente tá conseguindo se posicionar com algumas ressalvas, mas o que a gente mais tá buscando como movimento é se encher de literatura se encher se unir também.

Historiador e mestrando negro, 28 anos.

-Com as cotas raciais, eu acho que deu um baita de um up na universidade assim, por mais que a gente saiba que os números são baixíssimos, 53% da população brasileira é negra e nas universidades tem 14% de negros (.). Nem isso 13%, mas nem chega a 14%, cresce muito devagar o número de negros dentro da universidade, só que eu acho que é um dado, não dado, mas uma luta que eu acho que é interessante botar no diálogo, cotas raciais, indígenas. Indígenas é pior ainda porque enquanto 10 negros entram na universidade, 0,5 indígenas entram. Acho isso interessante porque a universidade é um espaço de poder (.), assim como a sociedade, a nossa família é, a universidade é um espaço de poder então é tipo ela vai reproduzir, porque a sociedade se organiza de forma branca, hétero, cis normativa, não tem outra. E quem dita as regras no Brasil é a branquitude né cara, só que eu acho pensando no espaço, quais os espaços que nos foram negados, pensando historicamente. Eu penso que as cotas, elas veem pra isso, pra tentar sanar uma lacuna, um buraco da participação negra ali. E é legal que assim como entram negros e negras na universidade, estudantes assim, está crescendo cada vez mais a vinda de professores e intelectuais negros e ativistas negros que vem tentando desconstruir todos aquelas narrativas. Na universidade a gente não lê negros. Na História a gente não lê negro. Quando a gente faz uma disciplina sobre escravidão, e diz pro professor “po vamos ler preto”. E ele diz “Não, não. Não é legal ::”. Dai lemos mais brancos, europeus, que dão aula na europa e tal. Então acho que as cotas é legal por isso, elas vem tencionando espaços que foram negados historicamente não só pra negros e negras, mas também para indígenas, quilombolas. Tem cada vez mais pessoas dos quilombos que estão fazendo parte universidade são políticas afirmativas que veem de cima pra baixo. Ela é assinada de cima para baixo mas ela foi construída através da luta, do movimento social negro (.). Eu acho interessante pensar as cotas não só como uma maneira de botar os negros dentro da universidade, mas sim aquele sujeito que entra e na maioria das vezes na luta, ele vai entrar ali ocupando essa vaga, “eu vou entrar aqui e vou fazer jus dessa vaga”. E é interessante que as cotas desconstruiu vários argumentos, e um dos argumentos que ela vem desconstruindo é que negros e negras produzem baixa, tem baixa produção acadêmica e notas baixas. É o contrário né, as pesquisas mostram né que os negros principalmente os cotistas são os que tem as notas mais altas, as médias mais altas, justamente porque aquele espaço foi negado historicamente, então eles vão ocupar aquele espaço e vão dar a vida, né cara.

Vocês se sentiram contemplados, em sala de aula, com a mudança que o currículo teve que sofrer para contemplar a história da africana por exemplo?

-Não

Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

-Quando falavam de vivência negra na escola me tratavam como descendente de escravos, sendo que eu não sou descendente de escravos. Descendo sim de um povo que foi escravizado também, mas que tem inúmeras vivencias antes e depois disso, durante também. Quando a gente fala de escola, que tá o tempo inteiro retificando essa história que não é tão verdade assim (.), que não é tão história assim, é uma visão de uma faixa da sociedade que deixaram para seguir em frente e até hoje a gente encontra na escola. E eu sou aluna de uma licenciatura, e como aluna de licenciatura eu nunca tive uma orientação para ir para escola e falar sobre essas coisas. Talvez como negra, já foi

me colocado, porque eu era a única negra da turma, mas porque eu era a única negra da turma e porque precisava falar disse de algum jeito, “tá a preta ali, socar pra ela porque ela entende, se é pra falar sobre negro, vou falar com ela né, a única negra aqui”. E essa sensação de estar sempre se omitindo que a gente encontra dentro da universidade (2”). Na escola eu nunca fiz nada além de ler o conto do negrinho do pastoreio, pra mim isso era vivência negra. Então eu sempre fui descendente de escravos na escola até sair desse meio e aprender a criar novos modelos de:: representatividades.

Historiador e mestrando negro, 28 anos.

-Eu acho que as duas leis foram muito bacanas, uma baita de uma conquista. Ela foi um decreto oficial da época que o Lula era presidente em 2003 eu acho, e se eu não me engano a segunda lei 11.000 vem em 2006, que se não me engano é história indígena. Eu acho que foi uma baita conquista, o movimento negro vem organizado desde a década de 70 ainda, buscando, vamos botar dentro das escolas para estudar cultura negra, cultura africana, brasileira, umbanda, quimbanda, candomblé, capoeira essas coisas que envolvem cultura negra que fugissem da escravidão. Na escola a gente abre o livro didático a arte que diz respeito ao negro tá lá, que ele foi escravo, ele foi escravo. Ninguém pegou ele da África, colocou num navio. Ele veio por conta própria para o Brasil.

-Ele escolheu ser escravo,

-Ele escolher ser escravo,

-Estava ali porque queria,

-Exatamente!

-Um monte de homem branco falou pra ele ser escravo, e ele disse, tá bom

Historiador e mestrando negro, 28 anos.

-Quando a gente abre o livro didático é praticamente isso, cana de açúcar engenho essas coisas. E essa lei ela é bacana, é uma baita de uma lei, e eu senti um pouco de diferença dentro da universidade porque na escola (.). Que a experiência que eu tive com meus colegas que estão na prática da docência dando aula, eles falam que a escola quando trata essas questões é em ocasiões específicas, 13 de maio e agora 20 de novembro. E aí é que tá o problema né, tu tem o ano inteira porque essa lei 11.645, 11.639 e a 645. Essas leis elas são tangenciais, elas têm que atravessar o currículo. Elas têm que ser debatidas na física, na química na matemática, na geografia na educação física ela não pode ser só debatida na história, tu entendeu?

Historiador e mestrando negro, 28 anos.

-E o que os professores e o que as escolas de forma geral elas fazem debatem só em ocasiões específicas. Só nas datas comemorativas e isso é um problema. Daí tem um problema que eu ((o participante se cita)) vejo, essa lei é importante que ela fomenta o debate, só que pra ter efeito legal a gente vai ter que inverter a lógica da educação, principalmente como ela tá hoje, como essa reforma da educação que tu torna não obrigatório sociologia, história, filosofia (.) porque o que tu debate quando tu aplica a lei, tá fazendo um debate crítico, debatendo raça, branquitude, tá debatendo escravidão, debatendo racismo. Isso é muito caro pra debater nas escolas e a galera não quer debater isso. Por mais que o movimento negro organizado ele venha debatendo isso a 1000 anos, a lei ainda não é tão eficaz assim, o estado aplicou a lei e largou. Agora a lei tá ali autorizada, aplica quem quer, quem não quer não aplica. E eu sempre vou levar pra debate do estado. O dinheiro não vem de uma fonte, ele vem do estado, então ele deve reger a educação, verbalizar a educação pública, por mais que ele esteja nem ai pra educação, por mais que o movimento negro organizado tente fazer alguma coisa as vezes não consegue, fica amarrado. E agora com a PEC do teto, dos gastos o que vai acontecer, vai tirar cada vez mais dinheiro da educação né, só que não vai faltar dinheiro pra engenharia. Nunca vai faltar dinheiro para a engenharia. Quanto mais engenheiro tiver formado melhor, mais vai ter empreiteiros, Joesleys da vida, os cara da friboy. Agora debate da lei, história do negro, da capoeira dentro da história da geografia, tu tá promovendo um debate crítico na sociedade, e ela não quer isso, a escola não quer. Então pra mim pra ela ter uma eficácia só se ela inverter tudo isso na educação. Tu criar uma educação emancipadora mesmo, tu vai ter muito espaço

pra debater, mas eu não nego a lei, acho que ela é importante, fomentou altos debates, mesmo sem a lei já debatiam mas com a lei ela foi importante, - Oh o movimento negro conquistou uma lei, tá aqui oh, uma lei. Muita gente morreu para que a lei fosse efetivada, por isso é importante umas mudanças radicais depois da implementação da lei, eu não vejo tanto.

Aluna negra de Licenciatura em Música, 21 anos.

-Existem alguns, existem alguns pontos. No ano passado um dos nossos pontos na semana da consciência negra, foi um relato de uma professora que ela dava cursos de formação para que professores pudessem falar desses temas dentro da escola e só servia pra encher morcilha, só pra isso, a gente não via isso dentro da escola. Era escolhido só uma escola no município, e essa única escola é a única que trabalha isso, e trabalha pra uma apresentação e depois não se fala mais nisso. Não é algo que vem no currículo da escola é trabalhado isoladamente, então é só pra ter, não é algo se efetive. As crianças elas sentem isso, elas vão chegar no ensino superior e não vão ter essas vivências, porque realmente elas não viveram isso. Uma música para uma apresentação de fim de ano na escola não é suficiente porque eu só reproduzindo e não sei o que está acontecendo, é uma conquista como o ((referência a um participante)) falou mas ela não foi efetivada, só existe.

Historiador e mestrando negro, 28 anos.

-Enquanto a matemática a física e a química forem mais importantes, e forem a regra para dizerem o que é, e o que não é educação no país, as discussões raciais serão sempre excluídas e junto com ela, a sociologia, a filosofia. E agora com a reforma da educação ela tende a ficar pior ainda com a reforma do ensino médio. Que a reforma do ensino médio foi aprovada por mais de 70% dos brasileiros.

8. ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: Eu, Mulher, Negra, Jovem e Universitária: Discriminação Racial no Contexto Universitário.

Pesquisador responsável: Luiza Dutra da Rosa

Pesquisadores participantes: Valesca Brasil Irala (orientadora)

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa

Telefone celular do pesquisador para contato (inclusive a cobrar): 53- 991620731

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Letras Línguas Adicionais: Inglês e Espanhol e Respectivas Literaturas que tem por objetivo analisar os dados obtidos através de uma pesquisa qualitativa, com alunos e alunas do ensino superior, e assim, de maneira crítica, relatar os maiores desafios que enfrentam aqueles que sofrem por discriminação racial..

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

A metodologia de pesquisa utilizada será de corte qualitativo, utilizando os seguintes instrumentos de coleta: a) questionário; b) roda de conversa gravada em áudio e vídeo.

Os áudios e os vídeos serão utilizados apenas para fins de pesquisa e seu nome não será divulgado em nenhuma hipótese, garantido, assim, o anonimato de suas informações. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. **Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores.**

A pesquisadora compromete-se em encaminhar aos participantes por e-mail a versão final de seus resultados de pesquisa e coloca-se à disposição para uma apresentação oral de seus resultados perante os sujeitos investigados.

Nome do Participante da Pesquisa / ou responsável:

_____ E-mail:
_____ Telefone: _____

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome do Pesquisador Responsável: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável

Local e data _____

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Unipampa – Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592, Prédio Administrativo – Sala 23, CEP: 97500-970, Uruguaiana – RS. Telefones: (55) 3911 0200 – Ramal: 2289, (55) 3911 0202. Telefone para ligações a cobrar: (55) 8454 1112. E-mail: cep@unipampa.edu.br